

LARISSA PRADO



OBSCURO

Larissa Prado

© Larissa Prado, 2018.

Obscuro.

Revisão | Jéssica Reinaldo

Capa e Ilustrações | Ana Novaes

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Essa é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

Obscuro | Larissa Prado – Goiânia, 2018.

I. Contos II. Literatura de horror III. Ebook

[2018]

Todos os direitos reservados.

Agradecimentos

Escrever essa história foi algo diferente do que costumo fazer no terror e eu não sabia se conseguiria dar vida a ela. Vampiros sempre me fascinaram, de Bram Stoker a Stephen King, suas representações na literatura alimentaram minha imaginação por muito tempo, mas não me sentia impulsionada ou preparada para criar algo envolvendo essas criaturas tão diabólicas.

Agradeço as pessoas que me motivam a continuar escrevendo, em especial a Jéssica Reinaldo, que revisa os meus textos com tanto cuidado e amor que eles acabam se tornando dela também e por ter me apoiado a mexer com vampiros, seu fascínio por eles acabou me contagiando; ao Patrick Correa por estar sempre me fazendo persistir nesse caminho difícil da criação literária e por todas as conversas inspiradoras; a Ana Novaes por sua arte, por sempre estar disposta a fazer as ideias mais absurdas se tornarem realidade. E claro, agradeço a você que está aí lendo, tirando um pouco do seu tempo para mergulhar nessa história Obscura. Obrigada!

A curiosidade matou o gato.
(Ditado popular)

Prólogo

A estrada está deserta, quase não passa nenhum carro. Meg enxuga o suor que escorre pela testa enquanto Theo troca o pneu. O dia está quente e o céu sem nuvens não passa de um teto azul-turquesa. Impaciente, Meg desce para conferir se ele está conseguindo trocar o pneu.

— Não vai adiantar, o estepe também tá furado.

— E você ri disso?

Ela está se abanando com o papel amassado de alguma propaganda esquecida no chão do carro. Ele levanta e arruma a armação dos óculos que escorrega sobre o nariz oleoso.

— É, meu bem, rir pra não chorar. Vou tentar ligar pro tio Bill de novo, ele vem buscar a gente.

— Você nunca faz a revisão desse carro. Sabia que ia acontecer isso.

A discussão reacende, ela continua repetindo as mesmas reclamações ao léu e o homem entra no carro para usar o telefone. Há quinze anos os dois passam pelos mesmos problemas, isso inclui ficarem no meio da estrada com o carro enguiçado nas férias de verão.

Resignada, ela encosta no capô, então seus olhos encontram uma silhueta cortando o horizonte do asfalto curvilíneo. Um carro vem em alta velocidade, tremendo sob os fortes raios solares. Ele estaciona logo atrás do carro do casal.

— O que é isso? – Theo está do lado da esposa guardando o celular no bolso.

— Não sei. – Meg observa o carro, desconfiada.

Theo caminha até lá sob protestos da mulher, pedindo para não abordar estranhos, quando ele abaixa para olhar através da janela se assusta com a porta abrindo. Do carro desce um casal, a mulher estava atrás do volante, seu rosto está sombreado por um chapéu

de aba larga e o passageiro está de óculos escuros. Os dois devem sofrer algum tipo de doença de pele, pois pústulas se espalham pelos rostos pálidos.

— Vocês precisam de ajuda? – a motorista pergunta, seu sotaque é carregado, Theo não sabe dizer de qual região seria.

Meg está logo atrás do marido, espreitando os recém-chegados. Seu coração dispara de susto, ela não sabe dizer o motivo do estranhamento em relação a eles. O homem tem os lábios rachados e azuis, ela puxa o braço do marido e sussurra.

— Dispensa eles, não aceita ajuda.

O dois continuam parados, cada um ao lado da sua respectiva porta, os olhos da mulher vão de Meg para Theo com interesse.

— Ah não, é só um pneu furado, estamos esperando um amigo chegar.

A mulher olha para a rodovia deserta, Meg está mais perto do marido, por um momento ela pensa ter visto os olhos do estranho através das lentes dos óculos como se acendessem à luz do meio-dia.

— Certo. – ela dá alguns passos na direção de Theo e Meg. — Vocês não acham perigoso esperar aqui?

Daquela distância Theo percebe que a pele da estranha parece estar se descolando dos músculos, as feridas são feias, como uma estátua perdendo o verniz, descascando.

— Você está bem? Seu rosto, está ferido. – Theo sente a pressão que a mão de Meg faz em seu ombro, ele dá alguns passos abraçado à esposa, se afastando da forasteira.

— Não é nada, é apenas uma reação alérgica, o sol hoje está desgraçadamente forte – ela levanta os olhos para o céu, seu pescoço é uma ruína de camadas de peles descascadas.

Em questão de segundos Meg se lembra dos filhos passando férias na casa dos pais de Theo. Sem compreender, ela sente o peso da saudade do mais velho que voltará para faculdade, lembra de quando eram crianças e ela e Theo eram jovens. Aquelas recordações saltaram em sua memória no instante que ela se viu diante o homem que acompanhava a mulher descascada. Ele apareceu na sua frente sem ter andando sequer

dois passos, como se tivesse se materializado ali. De fato, os olhos dele brilhavam atrás das lentes escuras, duas bolas de fogo incandescentes.

Se os segundos que antecedem a morte equivalem às memórias de toda vida, Meg estava passando por aquilo. Sua história passava em *frames* de um filme mudo na mente, “eu não quero morrer, Deus, eu não posso morrer assim” ela tentava falar, mas não conseguia.

O braço de Theo estava fora de alcance, ele foi jogado para longe de uma maneira violenta, os olhos da esposa não captaram o que tinha acontecido. Ela olhou para a estranha descascada que agora estava sobre o corpo de Theo fazendo movimentos rápidos com a cabeça, “como fazem as hienas quando atacam as carcaças”, pensou Meg. O homem estava ali à sua frente, longilíneo e arroxeadado, com a cabeça cobrindo a circunferência do sol.

— Eu... – ela tentava argumentar – por favor.

Uma canção ecoou do carro do casal preenchendo o silêncio da estrada, *'Cause there's a place in the sun where there's hope for ev'ry one*, Meg virou os pés na direção contrária com a frase musical repetitiva circulando em sua cabeça. Ela pensou que estava correndo, se salvando, mas não saía do lugar. O homem ainda estava à sua frente, quando se virava ele estava atrás, e dos lados, ele parecia se multiplicar em cinco. *'Cause there's a place in the sun where there's hope for ev'ry one*, a música continuava rolando pelo asfalto, preenchendo cada parte do deserto ao redor.

Meg caiu sob os joelhos trêmulos, o sol estava tão forte que fazia o rosto do homem entortar como numa miragem. Ela ergueu as mãos para ele em sinal de protesto e súplica, porque o medo que estava sentindo era tanto que impulsionava o coração a bater na garganta e os pensamentos se converteram a um emaranhado caótico de dor. Ela sentiu as lágrimas queimando o rosto suado, o corpo de Theo estava largado ao lado do macaco hidráulico, manchado de sangue assim, como o rosto e mãos da mulher de pele estranha que se aproximava.

O casal falava algo que Meg não compreendia, as palavras perderam quaisquer significados se espatifando nas gotas de suor e lágrimas que se aglomeravam em sua boca. “Eu vou completar 45 anos mês que vem” ela ouviu a voz de Theo em algum nível da sua consciência quebrada, somada a essa voz outras vieram, mas não eram tons familiares.

Meg notou que o casal observava com os olhos metálicos de répteis e não moviam os lábios, mas as vozes deles discutiam em sua cabeça.

“O sol pode até fazer a gente delirar”, Theo falava ao trocar o pneu, “eu preciso de água urgente”, ela arrematava. Isso tinha acontecido há apenas algumas horas, mas Meg sentia-se presa numa lembrança antiga. As mãos ainda suspensas na direção do homem caíram inertes ao lado do corpo, ele estava segurando-a com força, colocando-a de pé. Ela tentou se afastar usando toda sua força de vontade, mas o corpo permaneceu entregue ao forasteiro. A dor que seguiu foi afiada. Meg sentiu a pressão em volta do pescoço e seus pensamentos evocaram presas afiadas de tubarões guiando-se por onde o vermelho se espalha na água. Seu corpo se debateu por duas vezes até perder de vez todos os sentidos. Ela foi empurrada de volta aos *frames* da própria história, a escuridão cobriu o céu turquesa do meio-dia. *'Cause there's a place in the sun where there's hope for ev'ry one...*

Jeane

Essa semana foi diferente de todas as outras. Finalmente, a casa ao lado foi ocupada por um casal de jovens. Daqui da minha cadeira não pude ver direito se tinham filhos ou animais de estimação, mas parece que escutei um latido acompanhar os ruídos que fizeram ao chegar com o caminhão de mudança.

A moça é bonita, mas parece frágil e infeliz. Ajusto meu binóculo para tentar captar as expressões do marido, ele não parece sequer ter expressões, o rosto é implacável e duro como o de uma estátua. Vai ser interessante observar os novos moradores, bem melhor do que a antiga família que vivia aqui com as cortinas sempre fechadas.

No jardim as caixas foram se amontoando, mas o marido carregou a maioria sozinho. Não parece tão forte quando olhamos pela primeira vez, mas conseguiu terminar de colocar tudo para dentro na manhã que chegaram. Quando fecharam as portas, movi a cadeira para a outra janela do meu quarto, de onde conseguia ver o quarto principal da casa. O meu sobrado é um pouco mais alto do que o deles, o que me faz ter visão privilegiada.

A cadeira de rodas faz um rangido alarmante quando me movimento. Sempre esqueço de avisar Eva sobre isso quando ela vem me visitar. Ela é a única que se preocupa com a velha avó paralítica, é uma doçura de garota e muito ingênua para estar nesse mundo. Às vezes tenho medo que Eva se quebre. Desde que se separou do marido ela vive com uma cara de quem comeu e não gostou, mas é assim mesmo. Quando meu George morreu também fiquei muito abalada, toda separação é dolorosa, ainda mais quando a outra pessoa continua viva.

Ajusto meu binóculo e alcanço o ângulo mais próximo. O marido está no quarto, ele abre as cortinas e agradeço por isso. A cama de casal fica bem em frente à janela, sinto a adrenalina subir por minhas velhas pernas inutilizadas. Os outros moradores eram tão – ou mais – velhos do que eu, não tinha graça, era como ver as mesmas cenas todos os dias,

o mesmo programa monótono. Esse jovem casal pode me render muitos dias interessantes. Assim espero.

O marido ficou um bom tempo na janela olhando para a rua. Ele não percebeu minha espiadinha, nem pareceu notar que havia um sobrado ao lado. Confirmei que o casal tinha um cachorro quando a esposa entrou no quarto com o bicho no colo. Não sou boa em identificar raças de cães, mas é uma coisinha peluda e rechonchuda, seu fuço fica perdido entre os pelos.

A mulher acaricia o cão enquanto fala algo para o marido. Ele continua de pé encarando a janela, indiferente, sem dar atenção à mulher. Que vida ruim ela deve levar, o jeito do homem só me convence sobre a infelicidade sustentada no rosto dela.

Estou quase caindo da cadeira, envolvida na cena que se desenrola quando Cora entra no meu quarto e fecha as cortinas.

— Bisbilhotando de novo, senhora?

Cora puxa a cadeira arrastando-me para longe com seu andar bamboleante. Não adianta protestar, ela tem o hábito de estragar tudo. Minha resposta para sua intromissão é uma carranca que vai durar o dia inteiro. Eva contratou Cora há uns cinco anos para cuidar da casa e de mim. Ela não passa de uma estraga prazeres, uma chata viciada em provérbios bíblicos. Não dá para ficar pior, até que Cora também resolve confiscar meus cigarros.

— Está na hora de parar com isso. Precisa se cuidar para viver mais e com mais qualidade de vida.

Ela sempre repete quando encontra alguns cigarros escondidos, penso comigo toda vez que o sermão começa: logo vou chegar aos 84 anos, meu bem, para quê me preocupar em viver mais? O que fazer com o que restou da vida em mim? Não, chega, o que puder fazer para adiantar a abordagem da Senhora da Foice, farei.

Marvin

Deveria ser um belo dia ensolarado, mas as nuvens insistem em cobrir o Sol. Nós ainda estamos organizando caixas, arrumando a casa para que fique parecendo um lar. Nadine se esforça em parecer feliz e eu me empenho em fazê-la esquecer. A vida parece entrar nos trilhos de novo, até o momento que o vagão resolver descarrilhar.

No canto da sala o som ecoa a voz de Wonder, *Like a long lonely stream I keep runnin' towards a dream. Movin' on, movin' on like a branch on a tree I keep reachin' to be free. Movin' on, movin' on*, era a música que tocava no dia que vi Nadine pela primeira vez há quatro anos. Daquela noite em diante eu sabia que ela seria minha esposa. Não levou nem dois anos para pedir sua mão e ela dizer um sonoro “sim” radiante com o sol reluzindo em seu rosto. Aqueles eram dias ensolarados. Por Deus, como sinto falta deles.

“Marvin, dá para abaixar um pouco a música? Não consigo nem raciocinar assim” ela fala lá da cozinha, enquanto tenta organizar tudo. Eu abaixo, contrariado. É nossa música, será que ela não se sensibiliza com isso? Claro que não. Como poderia depois de descobrir o que descobriu?

Nadine espichou o olhar para Sina no dia que a viu no escritório. Elas pareceram prever o futuro naqueles poucos minutos de troca de olhares, foi ódio à primeira vista. Nadine soube o que viria pela frente antes mesmo que eu pudesse sentir a atração pela mulher.

Infelizmente, as constantes profecias dela sobre “a cliente de pernas bonitas e atrevida” se cumpriram. Não sei como fui me envolver com Sina, para começar, quem teria um nome desse?

Ela era uma mulher jovem e muito atraente. Seu sotaque francês era carregado e seus olhos pareciam hipnotizantes. Sina trabalhava para alguém e precisava de um imóvel de alto padrão para negócios. Não recordo o nome do seu chefe, assim como não consigo mais me lembrar do seu rosto mesmo que tenha a visto há pouco menos de um mês. Sina

e meu caso extraconjugal parecem resquícios de um pesadelo que Nadine e eu fazemos questão de esquecer.

A ideia de mudar de casa partiu dela, Nadine não gostava de pensar em Sina em nossa casa enquanto ela trabalhava. De fato, levei ela muitas vezes para lá e não sei dizer porquê agi assim, Sina tinha aquele olhar hipnotizante. Nunca me recordava das noites que passávamos juntos quando amanhecia.

Com o tempo, nem eu conseguia acreditar que aquela mulher era real. Nadine chegou uma noite mais cedo e nos flagrou. Depois disso me desdobrei para encontrar uma casa ao seu gosto. Estamos tentando organizá-la, embora eu sinta que não há organização que nos faça voltar um para outro.

Não só pela traição em si, mas por tudo o que ando sentindo desde a última vez em que estive com Sina. É uma espécie de desligamento, como se eu não pudesse mais me reconhecer nos atos e pensamentos, nem mesmo na aparência. Sei que muito disso está ligado à culpa que carregarei por ter feito o que fiz, mas não é apenas culpa. Há algo obscuro tomando conta da minha mente, enfumaçando minha memória. Há algo muito frio dentro do meu peito, o coração às vezes parece ter parado. E eu não consigo sentir nada, mesmo me forçando a apreciar a voz de Wonder baixinha pela sala, *Cause there's a place in the sun where there's hope for ev'ryone.*

Nadine

O cansaço e o sono dominam meu corpo e mesmo assim não durmo. Penso nas caixas que preciso desfazer, nas coisas que preciso arrumar enquanto tento encontrar forças para perdoar. Marvin não está no quarto, ele não dorme desde a noite em que cheguei em casa e vi a mulher de belas pernas com ele. Ela era tão bonita que parecia uma miragem ou a própria reencarnação de Ava Gardner. Suas roupas estavam sempre impecáveis. Ela não parecia fazer parte do mundo que vivemos.

Marvin sempre foi muito sério, o que me intrigou ver ele se colocar em tal situação de traças e desventura extraconjugal. Não combinava com ele, sua natureza era diferente e por isso me apaixonei, por isso aceitei quando ele me pediu em casamento. Mas nem sempre conhecemos bem uma pessoa. Passar muito tempo ao lado dele não significa que o conheça de verdade. Há sempre um lado escuro na lua e nos seres humanos. Um lado que talvez nem cheguemos a conhecer, mas quando acontece é um tanto impactante, para não dizer traumático.

Marvin passou a agir de forma diferente depois daquela noite. Não duvido do seu arrependimento, da mágoa e vergonha, mas não consigo acreditar plenamente, porque ele se tornou distante, frio. Por mais que peça desculpa, não parece ser algo vindo dele. Marvin está se tornando cada dia mais alheio, ele não ajuda em casa, passa a maior parte do tempo apenas contemplando o espaço.

Às vezes, passa quase o dia todo em casa, sentado no escuro. Ele diz que faz isso para meditar, mas Marvin nunca meditou antes. Depois de Sina ele não parece ser ele mesmo. Tenho a impressão que ela não roubou apenas meu marido como também sua alma. O que havia nela de tão interessante? Até mesmo eu me encantava com seus olhos indiferentes e rosto esculpido. Ela tinha um magnetismo e imagino quantos homens ou mulheres já arrastou para suas garras. Não pensaria muito em aceitar que ela me tocasse. Se tento perdoar Marvin, é só por perceber o quanto é irresistível suportar os olhos daquela mulher, mas isso não minimiza minha mágoa.

Quando acordo, Marvin está sempre sentado na cozinha, o rosto baixo e envolto em suspiros cansados. Eu pergunto se ele está bem. Se dormiu bem. Ele se limita a levantar os olhos para mim, parecem duas bolas de fogo. Estão sempre vermelhos e

semiabertos. Fico imaginando se essa atitude não seria uma espécie de punição pela culpa que diz carregar. Comovida, o ajudo a ir para cama. Marvin passa o resto do dia dormindo. Seus clientes foram desaparecendo diante sua falta de compromisso.

Nos dias que transcorreram, depois que nos mudamos quase me convenço de que tudo pode ser como era. Eu e Marvin saímos para jantar. Ele foi gentil como jamais achei possível. O que a culpa não faz com as pessoas? A noite foi boa, mas terminou de forma estranha.

Ainda não me sinto confortável em dormir na mesma cama que ele, então resolvi superar o infortúnio e dar a chance pela qual Marvin luta. Nós fomos dormir e permiti deixá-lo se aproximar. Marvin estava mais bonito, o rosto sereno e olhos hipnotizantes. Ele me envolveu num abraço forte e mordeu meu pescoço de maneira tal que quase senti dor. Tudo desapareceu naquele instante, a amante, a mágoa, nosso quarto, o tempo. Só existia nós dois.

Marvin saltou da cama. Fiquei alarmada com seu rosto pálido e assombrado. Ele se trancou no banheiro, e apesar dos meus protestos e batidas na porta, ele dormiu lá. Antes de desistir e me deitar, observei meu corpo à procura de algo que o tivesse repelido, não encontrei nada. A cama também estava limpa, nenhum inseto, nenhuma anomalia no quarto era a causa do espanto de Marvin. Só podia ser coisa da cabeça dele. Lembrei de Sina e seus imensos olhos negros e cabelos castanho-avermelhados. Talvez ainda fosse cedo para novas chances.

Jeane

Envelhecer não é nada bonito, não dá para acreditar nas propagandas de abrigos para melhor idade. Eu estive em um depois da morte de George, a mãe de Eva me levou para lá e nunca mais apareceu. Foi graças a minha neta que sai e vim para essa casa, ela organizou tudo. Não é um lugar tão espaçoso quanto o casarão que dividia com meu falecido marido, mas é aconchegante, melhor do que passar o resto dos meus dias abandonada num quarto de asilo. Não preciso de muito vivendo aqui, apenas das janelas e do meu binóculo.

Envelhecer é morrer aos poucos. O corpo perde a força e o espírito perde a energia. A memória se torna uma confusão sem fim de apagões. É triste sentir a morte nos cercando por todos os lados, mas mais angustiante ainda é esperar por ela e se surpreender com sua demora na abordagem.

Cai no banheiro assim que me mudei para esse sobrado. Depois passei o resto dos dias nessa cadeira de rodas. Não sei quantos anos se passaram desde então. Passei a assistir as vidas dos vizinhos das janelas da minha casa. Sou quase um L.B. Jefferies sem o glamour de James Stewart.

No último fim de semana Cora não veio, o que foi um imenso alívio! Eva veio ficar comigo e ela nunca me atrapalha. Entra e sai do quarto sem fazer sequer barulho. Nunca incomoda. Ela é uma moça boa demais para esse tipo de mundo, mas acho que já disse isso antes. Envelhecer, esquecer as mesmas coisas e viver repetindo-as como se fossem inéditas.

As cortinas do quarto estão fechadas. Vasculho a sala de entrada, a mulher está sentada no sofá, o cachorro aos seus pés, ela escreve em um pequeno computador de colo. Usa óculos, é a primeira vez que a vejo nessa sala. Na maior parte do tempo está fora do alcance da minha visão. Por isso, me sinto mais íntima do homem que passa mais tempo onde posso alcançá-lo com o binóculo.

Ela olha para trás, assustada, ajusto o ângulo e não consigo ver o que a faz sair do sofá e o cãozinho correr para a cozinha. Então, o marido está na cena, ele segura algo, não dá para saber o que é dessa distância, mas é algo maior que o computador que ela usava.

— Vó, quer algo? Não almoçou direito.

Eva aparece na porta do quarto, mas não desgruda os olhos das lentes do meu binóculo.

— Pipoca.

Ela sai, continuo assistindo a cena se desenvolver até o momento fatídico em que o homem aparece na cozinha segurando o cão pela coleira. A mulher ajoelhada grita e chora. Acho que escuto seu choro minguido daqui. Meu coração dói. O que ele pretende?

O homem e a mulher desaparecem do plano principal, ele pisando firme, ela aos tropeços. O uivo de dor sai de algum lugar, foi o choro de um cão. Abaixo o binóculo, um tanto trêmula. Eva entra com a pipoca, mas eu perdi a fome.

Marvin

Posso sentir a aproximação dela por causa do som do seu coração. Como pode? Ouvir as batidas como se tivesse um estetoscópio na cabeça? Nadine para ao meu lado, estou arrumando o jardim, plantando suas rosas para alegrá-la. Tentando agradar, ser bom como antes. E me pergunto: antes de quê? Não sei mais.

— Vou marcar uma consulta para nós.

Sua voz parece mais alta e estridente.

— Consulta? Como assim?

Atrás das lentes dos óculos escuros vejo uma mulher deplorável, os cabelos presos de qualquer jeito e o rosto emaciado de tristeza me faz lamentar o peso que ela deve estar carregando.

— É, com a Priscila, ela sugeriu terapia de casal.

— Priscila, sua prima? – sinto vontade de rir, mas me contenho.

— Qual o problema com ela? É uma profissional maravilhosa, uma das melhores psicólogas que tem por aí.

— E é sua prima. Conveniente. Quer envolver mais alguém em nossos problemas para me fazer sentir pior? Precisa de uma especialista para corroborar sua versão do quão filho da puta eu sou?

Nadine está voltando para sala sem dizer nada, os ombros caídos numa postura rendida. Eu deveria sentir pena? Raiva? Arrependimento? É estranho, não sinto nada. Volto a mexer no canteiro. Daqui posso ver a cabeça dela sentada de costas no sofá.

Um espinho fura meu dedo, intrigado, continuo afundando a pele do dedão na sua ponta. Deveria sentir dor? Tiro o espinho, não deveria estar sangrando?

Minha cabeça traz a lembrança de Sina, exuberante em seu vestido preto e *scarpin* de salto alto. Sina e seu cheiro e olhos hipnotizantes. Olho para a sala, Nadine está

trabalhando em algum texto, os cabelos cor de amarelo-palha me causam vertigem.
Escuto seu coração bater daqui. Ah, Nadine! Eu escuto seu sangue correndo nas veias.

Nadine

Cada dia me preocupo mais com o estado de Marvin. Ele não aparece mais no trabalho, seu chefe me liga quase todos os dias e não sei mais o que dizer. É impossível falar com Marvin sobre isso, ele se fecha quando não quer discutir algum assunto.

Tento mostrar a ele que está tudo bem, que podemos superar os problemas, mas ele se torna mais distante e indiferente. Há momentos que seu comportamento chega a ser cruel, mas ele não parece se arrepender. É difícil acreditar que ainda é a pessoa com quem me casei.

Sua fisionomia está diferente, os olhos sempre avermelhados parecem sofrer de uma conjuntivite grave, mas ele não deixa que eu tire os óculos para checar. Não importa o quão quente esteja o dia, sempre está reclamando sobre frio.

Depois de conversar com minha prima que é psicóloga me sinto animada em buscar ajuda. Mas ele se mostra agressivo e sarcástico diante da proposta. Não tenho certeza se nosso casamento tem salvação. Ele é outra pessoa e não sei como agir.

Tento afundar a mente no trabalho, há muitos textos para produzir para o jornal. Pautas para cumprir, quem sabe me esqueça um pouco de Marvin assim. Os pelos do Chuck aquecem meus pés, não poderia ter companhia melhor. Meu velho companheiro, está comigo há mais de dez anos e sempre me conforta quando me sinto angustiada como nos últimos meses.

Ele está cochilando enquanto tento afastar os pensamentos e focar no trabalho quando nós dois escutamos um estrondo vir do lado de fora. Salto no sofá e Chuck corre para a cozinha. Olho para trás na direção do ruído, Marvin está parado com um dos enfeites do jardim nas mãos. O duende no cimento parece rir para mim. Todos os meus vasos estão estilhaçados atrás dele, não é possível que Marvin esteja carregando o duende que pesa quase 10 kg com essa facilidade, suspenso apenas em uma das mãos. Não encontro palavras ou voz.

Chuck está latindo na cozinha, perturbado como se estivesse diante de um completo estranho. Marvin caminha de olhos vidrados no cachorro. Sinto que algo muito ruim está prestes a acontecer. Depois de apoiar o enfeite de jardim na sala, ele caminha até a cozinha. Minhas lágrimas estão me sufocando. Marvin apanha Chuck pela coleira, suspende-o e parece cheira-o. Caio de joelhos implorando para que nos deixe em paz.

Ele não me escuta, vai para as escadas com calma ainda carregando Chuck suspenso, que se debate tentando voltar para mim. Não parece mais que tenho pernas, elas estão trêmulas e bambas quando corro atrás dele pela escada. Não consigo chegar a tempo, Marvin bate a porta do banheiro, Chuck chora alto e eu sou engolida pelo meu próprio grito.

Jeane

É a hora de tomar minha vitamina D matinal. Sentada na calçada sentindo os raios delicados do sol no meu rosto não penso mais sobre o que vi na casa ao lado. Não uso meu binóculo há dias. Cora está sentada ao meu lado folheando uma das suas revistas de cosméticos. O portão dos vizinhos faz um rangido, a mulher está saindo. Observo com interesse reacendido. Ela não está com o cãozinho, como sempre costumava fazer ao sair pela manhã. Está distraída, com as mãos dentro de um casaco de frio maior do que ela.

Anda pela calçada com calma, o rosto baixo fitando os próprios pés. Ao passar por mim dou ‘bom dia’ e ela responde acenando a cabeça, sem me olhar diretamente. Continua sua caminhada em direção à mercearia do Fausto.

— Cora, me leve até a mercearia?

— O que quer, Jeane? Posso ir comprar para a senhora.

— Não. Eu preciso me movimentar um pouco, vamos, me leve até lá, é apenas atravessar a rua.

Cora me atende com sua boa vontade de sempre. Ignoro os percalços do caminho até o mercado, o sacolejar da cadeira ainda incomoda mesmo depois de anos. Entramos na mercearia, Fausto me olha e cumprimenta, sempre simpático. Faço Cora buscar algumas verduras e produtos de limpeza enquanto observo a vizinha no fundo do mercado diante o freezer de bebidas. Ela demora a decidir até escolher um engradado de cervejas.

Naquele momento, a eficácia de Cora me irrita, pois ela está no caixa conversando com Fausto enquanto a vizinha ainda perambula pelas prateleiras. Queria ficar mais, ver o que ela vai levar e se vai interagir com o dono. Mas Cora é muito eficiente e está colocando as compras nas sacolas.

A mulher se aproxima, não está segurando mais as cervejas, e sim, uma garrafa de uísque barato.

— Vamos Jeane, preciso preparar o almoço. — a cadeira de rodas se movimenta com Cora me empurrando. A minha curiosidade fica para trás, focada na vizinha pagando por sua bebida a Fausto.

Assim que entramos em casa ralho com Cora por não ter se demorado mais no mercado. Ela nem parece me ouvir, está organizando a cozinha para o almoço enquanto minha cadeira está largada no canto da sala. Logo a vizinha está passando pela calçada, eu volto os olhos para fora deixando Cora sossegada. Ela parece apressada, os passos são mais acelerados do que os que deu ao ir para o mercado.

O uísque será para ele ou para ela? Difícil saber, depois do último acontecimento, aquele choro do cãozinho agitou meu sono nos dias seguintes, não dá para entender o que está acontecendo entre eles. Não parece ser apenas crise conjugal, o homem é estranho de um tipo que faz arrepios percorrerem a espinha. Cora vem dizendo qualquer coisa sobre banho e almoço, mas estou com a cabeça ainda voltada lá para fora, enevoada ao tentar lembrar o que é que o homem carregava nas mãos quando entrou pela sala e assustou a esposa.

Marvin

Insaciável é a palavra. Sinto algo que não pode ser saciado, uma espécie de sede. A lembrança de Sina me persegue como se pudesse sentir sua presença. Passo boa parte do dia sentado pensando, me deixo consumir pelas sensações estranhas que me invadem.

O que será que aconteceu com Chuck? O cão de Nadine desapareceu. Minha memória está um lixo. Pergunto para ela, mas não me responde. Não tem jeito de fazê-la me perdoar. Essa situação me desesperaria antes, agora não resta nada. Preciso descobrir quem é Sina.

Quando saio do quarto escuro, a claridade me deixa zozzo. O sol está forte lá fora, mas dentro da casa faz frio. Vou para a cozinha, a fome é tanta que encontro os bifes temperados que Nadine deixa preparados. Devoro sem ao menos fritar. O sangue da carne está gelado e pegajoso.

Nadine está parada no batente da porta, termino de comer e olho para ela. Uma sacola de papel pardo amassado no seu peito revela a forma de uma garrafa. Ela grita comigo, seu rosto avermelhado é inundado por lágrimas: “Pare! Pare! Pare de fazer essas coisas!”, me empurra com a garrafa entre nós. Seguro seus punhos e imobilizo com facilidade. Nadine amolece e se rende ao choro convulsivo.

É uísque, não preciso ver a garrafa, pois sinto o cheiro.

— Você anda bebendo de novo?

Ela não consegue se acalmar, abraçada ao pacote. Durante três anos, Nadine conseguiu se manter afastada do álcool seguindo com esforço os doze passos que aprendeu nas reuniões dos A.A.

— Sabe o que acontece quando começa com isso, Nadine. Não vou tolerar dessa vez ou você supera... ou...

Ela quebra a garrafa no meu rosto e sai disparada na direção da escada berrando para deixá-la em paz. O uísque derramado sobre meus pés impregna toda cozinha com

seu cheiro forte. Posso sentir o aroma exato de cada elemento da composição da bebida: destilado de milho, cevada, centeio...

Toco o rosto onde um corte profundo abriu acima do nariz. Deveria haver dor, mas não sinto nada. A pele rígida do meu rosto está tão gelada quanto a carne que acabei de devorar.

O telefone toca mais estridente do que nunca. O ruído penetra meus tímpanos. Desorientado, arranco o aparelho da tomada e o lanço contra a parede. Não usei de muita força, mas o estrago foi desproporcional espatifando o telefone e furando a parede.

Todo meu corpo treme por causa de recarga súbita de energia. Nunca me senti tão forte. Lembro de Sina de novo, me tranco no escritório para começar a pesquisar sobre essa mulher. Começo analisando o contrato de compra do imóvel, que ela assinou, e as cópias dos documentos. Algo parece errado – falso – nas informações que ela me passou. Como não enxerguei falsificações tão grosseiras?

Sina não deve ser seu nome real. Por mais que vasculhe a internet usando as informações que ela forneceu, não existe nada sobre ela. Como eu imaginei, Sina é uma farsa.

Recosto na cadeira tentando pensar. Estou no ramo imobiliário há mais de quinze anos, deveria ter percebido as falsificações. Qual é a história que ela me contou?

O chefe precisava de uma casa grande para fins de trabalho, com muitos cômodos e porão ou sótão, localizada em uma região afastada do centro da cidade, de preferência um lugar sem muitas casas em volta. Quando perguntei no que chefe trabalhava, Sina foi vaga e respondeu que eram “serviços terceirizados”. O imóvel ficaria no nome dela e não do da empresa dele. Deveria perceber que algo não estava certo, analisando o caso chego a acreditar que realmente fui hipnotizado.

Depois de pensar e me ver perdido em implicações estranhas, recai sobre mim uma luz: eu tenho o endereço do imóvel comprado por Sina no contrato, posso ir até a fonte de todo problema e saber a verdade.

Aliviado em pensar que poderia reencontrar Sina, meu corpo todo relaxa, durmo sentado na mesa do escritório de janelas e cortinas bem fechadas.

Nadine

No programa dos doze passos, o primeiro diz que precisamos admitir o problema. Depois do que aconteceu com Chuck, o problema estava mais do que visível, tinha nome e 1,80 m de altura. *Marvin*. Não só admito para mim mesma que preciso enfrentar o problema como também reconheço estou fugindo de tal enfrentamento. A bebida sempre foi uma forma de me abastecer de coragem, depois do primeiro gole não sentia mais nada além da dormência. Eu preciso me anestésiar.

Atravesso a rua para comprar cerveja, mas chegando no mercado troco por uísque. Na situação em que me encontro, é preciso algo mais forte como um grave ferimento precisaria do remédio mais potente.

Quando entro em casa escuto um ruído grotesco na cozinha. Ao me aproximar vejo Marvin na geladeira, ele olha para mim, o queixo e boca estão cobertos de sangue enquanto ele termina de mastigar carne crua. Não sei o que penso, recaí sobre mim um tipo de fúria cega. Estou farta desse comportamento lunático, farta do novo Marvin detestável. Avanço sobre ele movida pela raiva, me visualizo espancando-o, quero infligir a minha dor nele. Lembro de Chuck e desabo, Marvin me segura com tanta força pelos punhos que sinto a pressão nos ossos.

Um pensamento atravessa minha mente como uma voz – a do Marvin – sussurrando sobre minha morte, sede, sobre loucura. No ímpeto de me livrar de tudo acerto a garrafa de uísque no rosto de Marvin e corro para a escada sem me importar se o machuquei. Alcanço o quarto, sem fôlego e tremendo, tranco a porta. O desespero me faz mergulhar na cama e no choro que drena toda minha energia.

Aos poucos, acalmo os nervos, sinto tanta falta de Chuck, do seu cheiro e pelo macio, sinto falta da sua companhia. Ele não passa de um defunto apodrecendo no jardim. O ódio por Marvin volta a me atingir como um golpe no meio da testa. Não dá para continuar nem um dia na mesma casa que ele, saio da cama e abro as portas do armário arrancando de lá minha mala.

Jeane

As noites de insônia são exaustivas, principalmente quando não podemos sair da cama por conta própria. Sacudo a sineta que fica no criado de cabeceira e Cora aparece em seus trajes de dormir. Ela me ajuda a sentar na cadeira em frente à janela e me entrega o binóculo. Escuto meia-dúzia de alertas de Cora sobre a importância de noites bem-dormidas, *check-ups*, horários certos dos remédios, entre outros sermões.

Não sei se devo, minhas mãos trêmulas mal sustentam o binóculo. Nem me reconheço de tanto medo. Não sei o que verei. Ajusto o binóculo e, para minha sorte, as cortinas estão abertas e as luzes acesas.

Não vejo nenhum dos dois no quarto, apenas uma mala aberta sobre a cama com algumas roupas. O armário está aberto, procuro em todas as janelas e não encontro nem a esposa nem o marido. A sala está escura, apenas as luzes da cozinha e do quarto estão acesas. Abaixo o binóculo, não terei show essa noite e, apesar do medo, me sinto tão frustrada.

Sou uma pessoa teimosa, George sempre me criticava por isso, não desisto fácil. Mesmo com todos os ossos gritando pela cama, fico sentada observando a casa vizinha. Entre um cochilo e outro vejo algo se mover na janela do quarto do casal. Logo levanto o binóculo, ansiosa, para não perder nada.

O homem sai da suíte usando roupão. Olho em volta e por um instante seus olhos encontram as lentes do meu binóculo. Ele me vê, sinto os olhos remexerem minha alma, aumentando os tremores das minhas mãos. Não consigo parar de olhar, ele se vira e desaparece do meu campo de visão ao sair do quarto.

Uma parte de mim quer parar de olhar, mas a outra insiste e ela sempre é mais forte. Vasculho a casa à procura dele. Não parece o mesmo homem que vi chegar de mudança com a esposa. O homem que vi chegar era simpático e bonito, o que me encarou da janela parecia uma estátua de mármore. Pálido e grotesco. Começo a me preocupar de verdade com a mulher. Apesar de não ter trocado quase nenhuma palavra com ela, é natural que me sinta incomodada em presenciar algo inexplicável de novo. Nunca vou

descobrir o que aconteceu com o cachorro desaparecido, e agora a mulher também sumiu. O que resta é apenas a figura do homem estranho.

Eu me sinto tão atraída por essa casa que despenco da cadeira ao me debruçar na janela à procura de um ângulo mais aproximado. Cora aparece na porta de olhos arregalados, me ajuda a sentar e toma o binóculo das minhas mãos. Não me queixo, está na hora de parar com as bisbilhotices.

Quando Cora me ajuda a deitar, faço o possível para ficar com a preocupação só para mim, mas ela percebe.

— Jeane, o que foi? A senhora está branca feito papel, parece que viu um fantasma.

— Talvez tenha visto sim.

Ela faz o sinal da cruz.

— Do que a senhora está falando?

Quase abro o bico sobre a estranheza do casal ao lado, mas quem acreditaria? O mínimo que Cora faria seria avisar à Eva que a demência tinha se manifestado de vez.

— Nada, menina. Coisa da cabeça de uma velha esclerosada.

— Não fale assim, a senhora ainda está bem lúcida.

“Não sei por quanto tempo...” reflito e encerro o assunto sem dizer mais nada. Fecho os olhos para dormir enquanto escuto Cora fechar as cortinas antes de sair. Eu me pego imaginando o que terá acontecido à mulher da casa ao lado.

Nadine

Eu sei que não vai ser fácil deixar para trás os anos que vivemos juntos, sinto a dor do luto, como se tivesse enterrado Marvin no dia que fez o que fez com Chuck. Foi naquele dia que ele morreu para mim.

Pego as roupas de qualquer jeito, sem me preocupar quais estou levando. Só quero ir para longe. A mala sobre a cama está aberta, ansiosa em engolir tudo o que despejo. Eu tremo tanto que preciso parar e respirar muitas vezes no trajeto entre a cama e o *closet*.

Não escuto nada mais vir de fora e isso me acalma. Marvin talvez tenha saído, talvez foi ao hospital cuidar do ferimento que provoquei. Por um momento, quase sinto pena dele, mas a imagem de Chuck esvaindo em sangue na nossa banheira afasta qualquer prenúncio de compaixão.

“Deveria te matar”, penso comigo mesma e lembro da arma que ele mantém na gaveta do escritório, talvez eu leve o revólver comigo. Antes que consiga chegar até a porta do quarto, ela é aberta de forma abrupta. Marvin entra com facilidade e me olha com um semblante confuso, um embate doloroso se revela em seu rosto.

— Aonde você vai?

Não me lembro mais da mala sobre a cama, da fuga, da minha raiva fria em querer que ele morra.

— Vou embora, Marvin. Não dá para continuar por perto enquanto você não buscar ajuda. Tem algo muito errado acontecendo com você.

— A única que vai precisar de ajudar aqui será você, Nadine.

Sinto as mãos dele envolta do meu pescoço e meus pés fora do chão. Marvin me suspende com a mesma facilidade que abriu a porta trancada, sou lançada *closet* adentro, chocando-me com a parede. A força que ele usou é tanta que perco a consciência, a imagem fica turva. Marvin não passa de uma mancha difusa e alongada.

Marvin

À medida que o dia passa e a noite se aproxima eu me sinto melhor, mais disposto, sem a névoa que atrapalha os sentidos durante as tardes. O endereço de Sina está gravado no meu celular, não quero adiar isso. Acordo do sono pesado e restaurador decidido a fazer uma visita à mentirosa.

No caminho até a garagem escuto os passos de Nadine andando pelo quarto. As passadas estão nervosas. Não é apenas o ruído dos seus pés que me distrai, mas o som do seu coração acelerado, escuto tudo com uma nitidez enlouquecedora!

Ao me aproximar da porta, colo o ouvido a fim de escutar melhor e sou atingido pelo eco dos pensamentos dela. Nadine está prestes a sair do quarto, ela pensa algo relacionado ao meu revólver no escritório. Não sei como consigo fazer isso, nos últimos dias nada me surpreende mais.

Entro pela porta e encontro seus olhos imensos sobre mim. Nadine está arrumando sua mala, confronto-a. Ela não pode ir embora, não depois de tudo que fiz por ela e para ela. Não é seu tom de voz afrontoso que me enlouquece, não é sua voz chorosa que não comove mais.

O que me tira o controle é o som do seu coração cada vez mais alto em meus ouvidos. Ele bombeia o sangue. Em estado de transe, a última lembrança que tenho é do corpo de Nadine chocando-se contra o interior do *closet* num baque abafado, me sinto solapado por uma força incontrolável. Não me sinto mais dono de mim como se estivesse possuído por um lado obscuro, como se sentiria Dr. Jekyll ao ser subjugado por Mr. Hyde.

Jeane

Faz uma semana desde a última vez que olhei através das lentes do meu binóculo. A curiosidade roubou boa parte dos meus dias e noites de sono, mas o binóculo não funciona mais, toda vez que tentava olhar via apenas imagens embaçadas. Eva levou para consertar e nunca trouxe de volta.

Às vezes fantasio o que está acontecendo na casa ao lado. Será que se entenderam? O cachorro apareceu? Por mais que tente imaginar desfechos bons para o casal, não consigo esquecer o olhar do homem para mim, a malignidade que emitia. Depois que ele me viu, o binóculo parou de funcionar. Coincidência? Nunca acreditei muito no acaso.

É tarde de receber visitas, completo 84 anos amanhã. Não vieram muitas pessoas, apenas Eva, sua mãe, o dono da mercearia, Cora e duas colegas de banho de sol que moram na frente de casa.

Nunca fiz muita questão de comemorar aniversários, nem quando era criança. A celebração de um ano mais perto dos noventa chega a ser de mau gosto. Quanto tempo ainda me resta? É o que me pergunto a cada aniversário. Mas Eva sempre faz questão de lembrar trazendo o bolo e meus doces preferidos. Ela é mesmo um amor!

As pessoas ficam só até a comida acabar, logo estou sozinha com Cora e Eva que tagarelam sobre me levar para Buenos Aires. Toda minha família é de lá, nunca mais voltei para revê-los desde que me casei com George aos dezesseis anos. Não presto atenção à conversa, estou presa na ansiedade de ver pela janela. A rua está deserta nesse fim de domingo. Eva coloca um pacote no meu colo.

— Não precisava, querida.

— Claro que precisava, vó. Abre, quero ver se vai gostar.

Cora me ajuda a desfazer o pacote, o peso da idade afeta minhas mãos que estão cada dia mais trêmulas. A caixa que sai do papel me mostra a figura de um binóculo, mas esse é diferente do que eu tinha. Nem consigo expressar a satisfação de abrir a caixa e tirá-lo.

— Esse é digital, vó, a Cora vai te ajudar a usar.

— Será que vou conseguir mexer nisso?

Cora sorri e começa a mexer no binóculo. Desconfio da minha capacidade em lidar com essas modernidades.

— Vou deixar no jeito para a senhora só ligar e desligar quando quiser.

Estamos tão felizes, uma atmosfera gostosa nos cerca em um tipo de união cheia de carinho e sorrisos. Recebo o último abraço de Eva antes que ela se despeça. Cora me empurra na direção do meu quarto através da rampa improvisada onde era a escada. Estou tão ansiosa para usar meu novo binóculo que a tremedeira aumenta. Assim que entramos no quarto peço para ela me colocar em frente à janela. É meu aniversário e Cora não tem nenhum sermão.

Ela me orienta sobre como liga e desliga o novo binóculo e logo me vejo olhando a casa ao lado com uma nitidez esplêndida. Nunca imaginei existir algo assim no mundo, consigo ver com detalhes cada parte da casa. As cortinas da sala estão fechadas, e as do quarto entreabertas, eu vejo um vulto sobre a cama, mesmo com o binóculo de última geração não consigo definir quem é, mas pela nossa familiaridade arrisco pensar que é o homem. Como senti falta disso!

Marvin

O calor que sinto é opressivo. Sufocante. Nenhuma corrente de ar circula pelo interior da casa que está mergulhada em sombras o dia inteiro. Não posso abrir as janelas, afastar as cortinas, o sol não entra mesmo assim me sinto queimar. O dia transcorre parado, nada se move, permaneço amuado no meio da cama, coberto por pesadas mantas quentes. A minha pele parece cera derretida. As partículas de sujeira são as únicas coisas com vida dentro da casa.

Quando a noite cai, a atmosfera no quarto está tão pesada que a escuridão parece ter presença como um ser vivo à espreita. Escuto o meu próprio ruído constipado da respiração. Pouco a pouco parece que a energia volta a percorrer meu corpo, mas não sinto o pulsar do coração. Talvez o tenha perdido em algum lugar, e não falo no sentido poético onde coração e sensibilidade estão relacionados. Eu não sinto que possuo o órgão vital para a circulação da vida pelo corpo. É atordoante.

Na cabeceira ao lado da cama o porta retratos emoldura um casal sorridente, o homem na foto parece comigo, percebo uma vaga familiaridade. Estendo a mão e tateio em busca de algo, a escuridão é tão grande que minha mão desaparece se fundindo ao breu. Procuo algo, não consigo me lembrar com certeza o que era. A imagem de uma arma dentro da gaveta de uma mesa se forma na minha memória como se fosse apenas a lembrança de algo que vi na tevê.

A ilusão das sombras pelo quarto me faz acreditar por um momento que não existo mais. Tudo é tão negro e disforme que ao levantar da cama parece que meus pés pisam no vácuo de um buraco negro. Um som metálico ecoa a cada passo que dou, é o típico som de chaves chacoalhando em algum bolso da minha calça jeans. Caminho pela casa, atravesso o corredor em direção ao último quarto de um longo corredor, os meus olhos começam a se acostumar ao escuro. Enxergo melhor do que quando tento mantê-los abertos durante o dia.

Então, vem a velha dor de cabeça de novo. Não posso controlar a dor, alguém precisa pagar por ela. E há outra coisa pior do que a enxaqueca, e é a sede insaciável.

Nadine

O assobio que ecoa pelo corredor vai crescendo à medida que se aproxima da porta. Por mais que me encolha no canto do armário, sei que o esforço é inútil. Mal consigo respirar. Não sei qual parte do meu corpo mais incomoda. Minha coluna está tão dolorida que é como se mãos imaginárias penetrassem pela espinha dorsal e apertassem com força cada anel que a compõe. Estou tão exausta que toda resistência diante de Marvin se tornou inútil, mas continuo tentando sobreviver. Entendê-lo deixou de me importar. Aquela situação ultrapassou todos os limites, assim como minha capacidade de raciocínio.

Escuto a voz dele murmurar: *não consigo controlar essa dor, minha cabeça está espichando, espichando, crescendo*. O som da chave girando na fechadura é um dos momentos mais horríveis dos meus últimos dias. Eu sei que esse não é mais o Marvin. Nem mesmo sua voz é a mesma. Ele segue murmurando frases desconexas.

Pela proximidade da sua voz sei que está dentro do quarto. Apenas as portas do *closet* nos separam. Cubro a boca e o nariz com as mãos para evitar que minha respiração fadigada chamasse sua atenção. O ferimento na testa lateja uma dor insustentável.

Marvin sussurra lamúrias, seu tom não passa de suspiros. Eu tremo da cabeça aos pés, pela fresta das portas do *closet* vejo ele caminhar pelo quarto procurando por mim. Houve um momento que deixei de ouvir o som dos seus passos, dos seus sussurros e até mesmo da sua respiração. Espero por longas horas até me convencer de que ele deixou o quarto.

Não consigo perceber o som da chave girando para trancar a porta quando ele saiu do quarto, mesmo assim arrisco um movimento e abro uma das portas. Cautelosamente, olho para fora, tudo permanece no completo breu e imobilidade. Saio do *closet* devagar, vejo a porta do quarto entreaberta.

Ele esqueceu de trancá-la e sequer a fechou. Estava distraído e perturbado. Corro na direção da porta, mas não consigo atravessá-la. Simplesmente permaneço parada sem

conseguir me mover. Enquanto a minha mente grita em desespero para sair dali o meu corpo não obedece, ele está paralisado por completo ali a trinta centímetros da porta.

A voz que ecoa por trás das minhas costas é gelada e baixa. Nada tem a ver com Marvin.

— Aonde você pensa que vai, Nadine?

Escuto a voz, meus pés saem do chão de forma abrupta. Sou lançada contra a parede e a porta arrebenta em uma batida violenta.

Jeane

Não dá para dizer ao certo o que ele está fazendo quando algo passa e se choca contra a parede. Os ruídos me arrancaram de um cochilo. O que vejo é inacreditável, a coisa que está se chocando contra a parede parece ser a esposa. Ele continua parado no mesmo lugar, eu posso vislumbrar sua silhueta de costas para a janela. Apesar das cortinas abertas, a escuridão me impede de ver os detalhes da cena que se desenrola.

O homem que começa a se mover pelo quarto de hóspedes não é nem de longe o que vi chegar de mudança com a esposa. De alguma maneira ele está maior e mais forte. Sua pele translúcida é a coisa mais nítida na escuridão do quarto. O último movimento que consigo perceber, com o grau do meu binóculo aumentado ao máximo, é ele se abaixando próximo à cama. Ela caiu por ali.

Deve ter passado alguns minutos enquanto permaneço imóvel, atenta com o binóculo ajustado nos olhos até que vejo a silhueta do homem se erguer do chão. Ele se move com rapidez, quase impossível de acompanhar seus passos antes de deixar o quarto. Procuro por ela, mas não consigo encontrá-la no cenário. Enxergo em alta definição como nunca tinha acontecido. Ele fechou a porta antes de sair e a mulher aos poucos surge na cena, cambaleante. Ainda está viva, que alívio!

Por um momento, quase acredito que algo muito ruim tinha acontecido a ela. A forma como se chocava contra as paredes era impossível ainda conseguir se erguer. De maneira surpreende, ela investe contra a porta, batendo com todo seu corpo, mas não consegue abrir. Eu consigo escutar os ruídos abafados do seu choro. Dá para sentir sua desolação aqui, mas antes que possa tentar compreender o que de fato tudo aquilo significava, o marido chama a minha atenção para a outra janela da sala, no andar de baixo. Direciono o binóculo para lá consigo ver ele de pé no centro da sala me fitando.

Seus olhos são de um amarelo incandescente, a pele translúcida é azulada enquanto os lábios estão tingidos de vermelho. Sua cabeça dá uma volta completa de 360°, até que seus olhos recaem de novo diretamente sobre mim. Ele parece uma estátua de mármore com um rosto que não parece certo. O homem parece ter um fuço onde antes havia um rosto humano sério e digno. Ele está cada vez mais perto. Atravessa a janela da

sala com facilidade sem precisar abri-la e caminha na direção da minha casa sem tirar os olhos frios e animais de mim. Mesmo estando no andar superior posso sentir os arrepios percorrerem meu corpo. E se ele de repente aparecer flutuando aqui, frente a frente? Afasto o binóculo do meu rosto e tento afastar a cadeira para longe da janela. Arrependida por ter voltado à bisbilhotice.

Eva

As louças dispostas nas cristaleiras parecem tristes sob a camada de poeira. Tudo o que restou da sua vida com George se tornou muito pouco, apenas algumas louças, pratarias, mobília antiquada. Eu visito Jeane há anos e somente agora, nessa manhã cinzenta, passei a perceber como é a sua vida, o seu mundo. É a ausência que nos faz perceber a presença das pessoas.

Há duas semanas recebi uma ligação de Cora, a cuidadora da minha avó, desesperada, ela me disse que Jeane desapareceu.

— Como assim? – perguntei.

— Cheguei aqui e não encontrei nada. Só a cadeira vazia perto da janela do quarto dela.

A minha primeira atitude foi sair correndo do trabalho direto para a casa da minha avó. O trânsito estava infernal no horário de almoço. Muitos pensamentos me desnorteavam indo de um extremo a outro, entre otimismo e desespero.

Quando estacionei em frente ao sobrado, Cora veio correndo aos prantos.

— Ela sumiu, Eva, não tenho mais onde procurar.

— Liga para a polícia.

Se ao menos tivéssemos encontrado, viva ou morta, teríamos uma certeza. A angústia em não saber nada, em não ter noção do que aconteceu, é o pior tipo de sentimento que experimentei.

Não há sinal dela em lugar nenhum, nem indícios de que alguém esteve na casa. Jeane simplesmente sumiu. A polícia investigou na primeira semana, mas perdeu o ritmo depois do décimo dia sem nenhuma pista ou hipótese. O desaparecimento da minha avó se tornou um mistério indecifrável.

Quando ando pela casa não canso de imaginar quem poderia ter levado ela. Nada faz sentido nesse caso. Enquanto Jeane não for encontrada não sairei daqui. Algo muito estranho aconteceu e vou descobrir o que foi.

Boris

Quando vejo a chamada de Eva no celular sei que está com algum problema. Depois de um ano e meio separados ela nunca me liga a não ser que seja imprescindível. O que quero dizer é que Eva nunca foi de incomodar.

Valentina, minha atual namorada, está ao meu lado e espicha os olhos quando falo o nome de Eva ao atender a chamada. Ela se transforma quando escuta esse nome, o rosto fica avermelhado e cruel.

Com pesar desligo prometendo me encontrar com Eva depois do expediente. Jeane sempre foi boa enquanto fiz parte da família, seu desaparecimento inquieta os colegas encarregados pelo caso.

— O que a sua esposa queria? – Valentina me surpreende de pé ao meu lado.

— Ex-mulher e não é da sua conta.

Valentina respira fundo para prolongar a conversa, mas por sorte o delegado a convoca para uma reunião. Passamos o resto do dia separados, Valentina atendendo ocorrências nas ruas e eu preso à rotina administrativa.

Depois que escurece estaciono em frente à casa de Jeane. Eva abre a porta antes que eu toque o interfone. Ela está abatida, dá para notar seu desgaste na forma que mantém os ombros caídos e o olhar cansado.

— Obrigada por ter vindo, Boris.

— Você tem se alimentado? Está morando aqui agora?

Nos sentamos na sala, a casa não mudou nada desde a última vez que estive aqui para anunciar a gravidez de Eva num almoço em família. Naquele tempo haviam tantas pessoas nessa sala. Onde vão todos quando tempos obscuros chegam?

— Eu vou ficar aqui até ela voltar, Boris. É sobre isso que quero falar com você.

Eva me oferece algumas opções de bebidas, prefiro um café forte. Nós ficamos em silêncio contemplando os goles de café até que ela decide falar.

— Não me leve a mal, mas não acredito no trabalho que a polícia tem feito. Quero dizer, acreditei muito no início. Na primeira semana eles se empenharam mesmo, acompanhei cada passo, mas foram perdendo o ânimo por causa dessa falta de pistas. Boris, eu sei que você é um investigador brilhante, um dos melhores. Sempre foi e sempre vai ser. Sei como estar confinado em trabalho burocrático te deixa frustrado. Eu te chamei aqui para pedir ajuda. Me ajuda a descobrir o que aconteceu com minha avó?

Eva está chorando, me sinto um pouco abalado. Nosso casamento desmoronou depois que Brian nasceu e morreu em menos de 24 horas. Depois, passei a trabalhar mais do que conseguia, só para fugir de Eva sorumbática a caminhar pela casa. Até que fui atingido em uma perseguição policial que me resultou uma perna coxa e a transferência para a administração.

A vida que projetei foi desmoronando até esse momento no qual me vejo confortando Eva, com um *Vai ficar tudo bem* mentiroso. Não tenho coragem de abraçá-la, como antes na perda de Brian, dá medo que sua dor me engula dos pés à cabeça e não deixe mais nada.

— Eu vou te ajudar, Eva. Mas isso vai ser particular. Não posso usar recursos do departamento ou influenciar no trabalho deles. Eu só posso tentar descobrir algo fora do meu horário de trabalho.

— Boris, eu sabia que podia contar com você.

Mal termino de falar e Eva me abraça. Não me mexo, levanto do sofá para começar uma busca pela casa. Faz tempo que não penso como um investigador, mas certos hábitos nunca nos abandonam. Vou direto para o quarto de Jeane porque algo me chama até lá.



Marvin

Os dias não existem como antes. Antes do quê? Eu mal os vejo passar. A casa está imersa no breu e essa escuridão me abraça como uma mãe. Eu estou sentado no escritório escutando vozes que ecoam dentro da minha cabeça, elas reproduzem diversos dialetos estranhos. “Diga adeus, Marvin”, a mulher na minha cabeça fala. Eu vou ficar quieto, não vou me mover, posso ficar assim por anos. Tenho total controle sobre meu corpo, mas a fome ameaça o equilíbrio.

Preciso ir atrás de Sina, a pilantra mentirosa, a mulher que estragou minha vida. Antes preciso controlar a fome, desviar os pensamentos para minha meta que é encontrar Sina.

Não demora até que a noite caía por completo. Saio da inercia com a cabeça livre das vozes. Saio de casa ignorando as batidas de Nadine na porta do quarto. A essa altura nem lembro quem foi Nadine, nem lembro da minha vida antes.

Entro no carro e ligo o celular com a localização da casa que vendi para Sina. No trajeto, as luzes da cidade me cegam, nunca reparei como ela é iluminada. A cabeça lateja e as vozes recomeçam seu coral incompreensível à medida que me aproximo da casa.

O local é afastado, não há muitas casas em volta. O casarão fica abandonado próximo a um bosque malcuidado. Quando desço e olho para a fachada, vejo a silhueta por trás da cortina no andar superior, ela parece me observar.

“Você demorou, Marvin” é a mulher na minha cabeça. Eu cubro os ouvidos porque uma dor lancinante acompanha a voz, é um chiado altíssimo.

Ela aparece no portão, Sina está diferente. O rosto está sem maquiagem, ela é horrível. Os olhos são tão negros e opacos que parecem de uma morta, os cabelos estão soltos e embaraçados. A pior parte do seu rosto não-humano são os lábios grossos entreabertos porque não conseguem esconder os dentes protuberantes.

— Boa noite, *courtier*. Algum problema com nosso contrato?

Eu não consigo me mexer, por mais que me esforce, nenhum músculo responde. Essa mulher me atrai de forma inexplicável, seu sotaque afrancesado domina minha mente, mas a voz que fala dentro dela é o eco de uma rouquidão centenária, “Diga adeus, Marvin”.

— Quem é você? – estou encarando Sina, ainda me esforço na tentativa de mover as pernas. Os olhos de morta me encaram com desinteresse.

— Eu? Você sabe, *courtier*. – Sina aparece ao meu lado, ela se move com uma rapidez felina que me causa inveja – vamos brincar, Marvin? – foi isso que ela sussurrou naquela noite, o dia que Nadine nos flagrou.

Consigo me mexer assim que outra mulher irrompe pelo portão. Ela cochicha para Sina.

— Depois de 127 anos ainda não aprendeu a controlar seu sadismo?

Ela sorri para mim, é uma senhora de belos cabelos acinzentados e olhos azuis opacos, tão mortos quanto os de Sina. Seu sorriso grotesco mostra dentes afiados e finos como arcada de tubarão.

— Você deve ser o Marvin.

Não consigo responder, a sede volta a ferir minha garganta. A senhora me guia para dentro de casa e se apresenta como Parascheva, mas diz que pode chamá-la de Liza.

Eva

Eu cuido de animais há dez anos e nunca me deparei com algo assim. O dono do gato está alarmado, não é para menos. Tento conter o sangramento, mas sei que todo esforço será inútil. Sua carótida foi arrancada numa marca de mordida. Atendi muitos casos de brigas entre animais, mas o que me intriga é a marca no ferimento.

Não existe nada no reino animal com uma arcada dentária assim. É madrugada, meu plantão só termina daqui nove horas, estou exausta. O gato morre logo depois que começo as tentativas de conter a hemorragia. A notícia da sua morte deixa o dono desolado.

— Ele nunca foi de sair de casa. Era um gato meio diferente, odiava a rua e adorava um colo.

— Como foi que ele fugiu? Onde você o encontrou?

— Assim que deitei para dormir. Eu durmo cedo, você sabe, depois de certa idade... Então escutei os miados dele, estava agitado, aflito e arranhava a janela. Eu abri a porta da frente porque achei que ele tinha visto ou ouvido algo. Foi aí que passou por mim feito um tiro, direto para a rua. Eu fui encontrar ele numa árvore gritando. Não sei como foi parar lá, ele sofria com o sobrepeso, mal conseguia subir no sofá. Foi um cachorro?

Confirmei a morte devido ao ataque, apesar de preencher o relatório com “ataque de animal desconhecido”, falei para o dono a história do cachorro e do gato se refugiando na árvore. Foi melhor confortá-lo com um fato possível e racional.

Depois desse caso, não chegou mais nenhum. Podia descansar, mas não consegui dormir. Aquela marca de mordida ficou na minha cabeça causando má impressão e pensamentos ridículos.

Boris me liga às seis da manhã.

— Eva, o que sua vó ficava olhando da janela do quarto?

— Não sei, Boris, acho que ficava olhando a rua, o movimento do bairro. Por quê?

— Você precisa ver o que acabo de encontrar no quarto dela.

Boris

A primeira vez que andei pela casa de Jeane nada me chamou atenção. Seu quarto parecia apenas um quarto comum de uma senhora de oitenta anos. A cama de casal estava afundada do lado que ela dormia, Jeane passava os dias da cadeira para a cama. Não vasculhei armários nem gavetas, apenas dei uma olhada.

A cadeira de rodas estava em frente à janela, ninguém mexeu em nada a pedido dos policiais. Eu me sentei na cadeira. Quando alguém desaparece é preciso refazer seus passos, mas Jeane não andava, então me sentei ali para ver o que ela via.

A vista não é nada interessante, apenas as janelas do sobrado vizinho com todas as janelas fechadas. Não é possível ver a rua desse ângulo. Se ela quisesse ver a rua deveria sentar em frente à janela do quarto de hóspede ocupado por Eva, ou ir para a sala no andar de baixo.

Durante os poucos minutos que fiquei na cadeira me senti limitado e infeliz. O que teria acontecido a ela?

Naquela noite, deixei a casa de Jeane e passei dois ou três dias sem voltar. Não podia interferir nos relatórios da investigação, mas perguntei para um colega envolvido como andavam as pistas. Não obtive nada que valesse a pena checar, eles também não tinham o que averiguar.

Foi então que passei a focar na cadeira de rodas em frente à janela. Algo me fazia pensar nela ali abandonada. Algo estava passando despercebido.

Eva deixou uma cópia da chave da casa comigo, antes de ir para o trabalho vou até a casa de Jeane e volto a me sentar na cadeira de rodas. Algo está mesmo passando despercebido.

Olho para as janelas dos vizinhos por um tempo. Quando conheci Eva, ela me trouxe para conhecer a avó. No trajeto até aqui me disse algo como “Jeane é viciada em televisão. Passa 24h por dia assistindo. Gosta dos programas de auditório e das novelas. Mas deixou a tevê depois que encontrou um binóculo...” Jeane adorava ver televisão,

mas trocou os programas e novelas pela janela do quarto. Começo a pensar sobre seu voyeurismo.

Olho em volta, não me sinto animado em remexer gavetas e armários que os policiais já checaram. Continuo sentado tentando me sentir como Jeane, pensar como ela, esperando algum sinal que me chame atenção, esperando meu raciocínio lógico pegar no tranco, instigado por algo que esteja passando batido, qualquer detalhe.

Não há movimento nas janelas dos vizinhos, mas provavelmente ela observava algo lá. Não tem sentido passar os dias olhando por uma janela onde nada acontece. Apalpo a cadeira procurando o lugar para destravar as rodas, minha mão esbarra em algo escondido num fundo falso no assento. Um envelope dobrado sai dali. Quando abro encontro algumas fotos polaroides. Jeane e seu maldito voyeurismo, preciso falar com Eva.

Marvin

Estou sentado na poltrona de uma sala comum. Sobre a tevê, vejo um globo de natal com um boneco de neve no meio. Liza me olha, sentada numa poltrona à minha frente, Sina está perambulando pela casa, mas sei que está de olho em nós.

— Queria um pouco de água.

Liza levanta os olhos brancos para mim, sua pele é translúcida. Nessa proximidade sua aparência me causa calafrios, é como estar diante de uma defunta, seus olhos são impiedosos, assassinos.

— Está com a garganta seca?

Confirmo. Meus olhos percorrem a casa tentando encontrar algo que explique quem são essas mulheres, de onde vieram. Não há decoração nenhuma além do globo de natal sobre a televisão. De resto, é uma casa comum.

Liza pede para Sina trazer a garrafa. Estou prestes a sair correndo dessa sala, algo ruim faz com que arrepios se espalhem por meu corpo. Eu me sinto congelado.

— Você está passando por um momento difícil, Marvin.

Sina coloca a garrafa e dois copos sobre a mesa de centro. Liza verte um líquido escuro e grosso nos copos. Na penumbra da casa não consigo perceber que é sangue, só quando dou o primeiro gole reconheço o sabor. Bebo tudo que ela me serviu e depois pego a garrafa e bebo até a última gota.

— Todo renascimento é doloroso e confuso.

Limpo meu queixo, a sede permanece latente, mas a garganta está boa.

— Do que está falando? Isso é algum tipo de seita, o que essa vadia fez comigo?

Não estou no controle, a força súbita e a vontade de matar me dominam. Sina está parada ao lado de Liza, avanço sobre ela e a arrasto pelos cabelos. Não sei que tipo de força é essa que me move, mas jogo ela sobre a mesa de centro. Além de quebrar o móvel o impacto do seu corpo racha o piso. Estou pressionando seu pescoço com as mãos, mas

Sina abre a boca num sorriso largo e afiado. Seu coração não pulsa no pescoço e suas mãos arranhando meu rosto estão geladas.

— Marvin – Liza permanece sentada, inalterada – Por favor, deixe Sina em paz, vamos continuar conversando.

Tento esganá-la, mas Sina continua sorrindo. Grito a pleno pulmões “Morra! Morra”.

— Marvin, vocês não podem morrer.

A voz de Liza vem de algum canto da minha cabeça, olho para ela e seus lábios estão ocupados bebendo. Ela falou na minha cabeça?

Foi nesse momento de distração que Sina me empurra com a força de cinco homens, caio sobre a poltrona. Não consigo mexer por mais que me esforce.

— Enquanto reagir assim, vamos ter que te manter quieto na poltrona. Respire fundo e recupere o controle.

Aos poucos, relaxo os músculos, paro de lutar contra a força invisível que me mantém imóvel. Quando Sina se afasta, eu começo a me mexer.

— O que está acontecendo, Liza? Quem é você?

— Eu? Bem, eu trabalho com dedetização. Tenho algumas pessoas que trabalham para mim. Eu gosto de eliminar pragas. Nas horas vagas, dou aulas de piano.

Ela aponta para uma segunda sala de onde posso ver a cauda de um piano.

— Isso é o que faço, mas quem sou? Bem, sou e fui muitas coisas por muito tempo, Marvin.

A irritação cresce, a mulher é nenhum pouco objetiva. Sina para ao lado da senhora, seu rosto parece ainda pior na pouca luz que sai de um abajur. Ela sequer parece um ser humano.

— O que vocês são? E o que está acontecendo comigo? É por isso que vim aqui. Você me enganou, Sina.

— Oh sinto muito, *pauvre courtier*.

Liza levanta a mão para ela não falar nada, Sina não parece se importar com o sinal de contenção. Ela sai pela casa, não para de perambular como um bicho enjaulado, posso sentir sua inquietação.

— Nós somos uma família agora, Marvin, você faz parte dela. Nós podemos te ajudar e vamos fazer isso. No começo tudo vai ser confuso, principalmente a Sede.

— Sede? E essa garrafa de sangue? Que diabos é isso? Vampiros não existem se é isso que insinuam aqui com essa patomima grotesca. Isso não existe. O que vocês fizeram comigo? Isso é uma seita? O que querem? Podem pegar tudo o que tenho, não tenho muito, mas podem ficar com tudo. Eu só quero voltar ao normal!

— Eu sei que é difícil. Sempre é difícil, foi para mim também. No começo, vai tentar voltar a ser o que era. Vai tentar se controlar, tentar encontrar culpados, mas aos poucos vai começar a esquecer quem era, Marvin. É por isso que trocamos de nomes, de cidades, profissões sempre que o tempo exige isso. É um constante renascer. Você vai se odiar por muitos anos, e isso só vai parar quando se aceitar. Marvin, querido, você precisa se aceitar porque tem a eternidade em suas mãos e precisa resolver como vai vivê-la.

— Meu Deus, você está falando sério? Você está falando de eternidade?

— A eternidade é o que resta para os que acordam da Morte. Você não pode morrer porque está morto, Marvin.

— Talvez... uma estaca no coração? Decepar a cabeça? Colocar fogo? Não importa, não quero ser isso, não quero isso em mim. Eu não quero viver para sempre. Eu quero saber que vou morrer um dia!

— Marvin, esqueça tudo o que leu e viu sobre estacas, alho e toda essas fantasias. Não é mais um ser humano para acreditar nessas besteiras. O que você tem aqui vai além, estamos falando sobre imortalidade. Você quer jogar isso no lixo? Algo pelo qual a humanidade luta desde que surgiu no planeta? Jovialidade eterna, vida sem fim. Não tem como, Marvin, você está condenado a viver para sempre. A morte não vai vir te visitar pela segunda vez. Aceite quem você se tornou.

As palavras de Liza formaram um redemoinho em meus pensamentos, a minha cabeça doía e os olhos mal conseguiam ficar abertos.

— Essas mudanças, são poderes? Meus olhos não são os mesmos, eu consigo ver além, essa força incontrolável, escuto coisas como se fossem os pensamentos das pessoas, escuto tudo com uma nitidez enlouquecedora.

— Poderes? Não estamos falando sobre magia. Você pode desenvolver certas habilidades, claro. Como poderia desenvolver outras quando estava vivo. A diferença está na forma que seu organismo funciona. Entenda, você não é o mesmo homem que vendia imóveis para garantir a segurança do seu futuro. Marvin, você é outro, nasceu de novo, essa é sua nova vida.

— Ouvindo o bater do coração das pessoas e sentindo essa sede incontrolável pelo sangue delas? Essa é a minha nova vida maravilhosa? Eu não vou me tornar um assassino. Isso tudo é loucura.

— Quando se sentava para almoçar seu bife de picanha malpassada não se sentia um assassino? Bem, querido, os bichos são abatidos, derramam seu sangue, para alimentar as pessoas. O fato de não ser você manuseando a pistola do abate te isenta da morte do animal?

— Você entende o que quero dizer! Não vou sair por aí perseguindo pessoas para beber sangue!

— Porque elas não merecem isso, certo? Porque você ainda as considera suas iguais. Semelhante não pode matar semelhante, quanto mais se alimentar dele. E os outros animais podem servir de alimento porque são inferiores na cadeia, são “feitos” para o abate. Marvin, encare as coisas assim: nós subimos no nível da cadeia alimentar, todas as outras pessoas comuns são como o gado agora, feitas para o abate. Que mal há nisso? Tanto quanto devorar uma leitoa bem assada na ceia de Natal. Você não deve continuar preso aos seus antigos valores de homem. Quanto mais ignorar, reprimir, sua sede mais forte ela vai se tornar e mais impulsivo vai ser. Marvin, somos animais de fortes instintos ou saciamos eles ou eles nos controlam.

Sinto os tremores desestabilizarem meu corpo, recosto na poltrona, vencido enquanto Liza se aproxima, ela está em pé na minha frente e seu corpo não projeta sombra nenhuma.

— Leva algum tempo para você se aceitar, Marvin. Não resista.

Afundo numa nova forma de consciência, ela é grotesca. Entrego-me ao lado Mr. Hyde mais uma vez. Sinto que, aos poucos, o Marvin que fui vai se desvanecendo no obscuro que se tornou meu corpo sem alma.



Eva

Quando chego em casa do plantão, encontro sobre a mesa da cozinha um envelope com um bilhete sobre ele: *“Não pude te esperar, tive que ir para o trabalho. Encontrei isso num fundo falso da cadeira de Jeane. Tire suas próprias conclusões. Passo aí depois do trabalho. Boris”*

A princípio o envelope dobrado não me passou nenhuma impressão ruim, nada além de curiosidade. Sem perder tempo, sento na mesa e retiro algumas fotos polaroides do envelope. Não sei o que pensar, passo e repasso as fotos tentando encontrar alguma explicação. Elas são de má qualidade, quem as tirou não tem mãos firmes porque estão trêmulas, embaçadas, mas ainda posso definir as cenas registradas.

Em uma das fotos, a mais intrigante, um casal está em cenas íntimas através de cortinas entreabertas. Na outra, uma senhora sentada na cama parece estar chorando. São ângulos distantes, não consigo enxergar a fisionomia das pessoas. Deixo as fotos sobre a mesa esperando pela chegada de Boris ao fim do dia. Não penso mais sobre, não vejo qualquer conexão com o desaparecimento de Jeane. Vou recuperar o sono perdido.

Boris está sentado ao meu lado na mesa, ele está encarando uma das fotos na qual um homem está sentado na poltrona do quarto com uma garotinha no colo. Há mil e uma possibilidades de interpretação para essa foto. Para mim, o homem parece ser pai da criança e está contando alguma história. Para Boris pode representar uma cena de assédio. Cada um tenta entender o contexto daquelas fotos, é difícil entrarmos num consenso.

— Boris, não importa o que essas fotos nos revelam, o que importa é encontrar Jeane e não entendo como essas fotos podem ajudar.

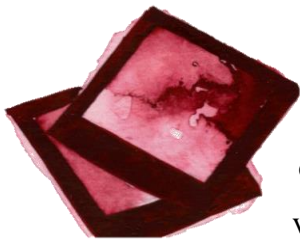
— Você não percebe, Eva? – ele está fumando um cigarro atrás do outro. – Sua vó bisbilhotava os vizinhos não sei dizer há quanto tempo. Talvez desde que se mudou para cá! Lembra que me disse que ela era viciada em televisão e que parou de assistir depois que encontrou um binóculo, ou ganhou um, não sei?

— Claro que lembro, ela assistia tevê 24h por dia enquanto estive no asilo, mas quando mudou para cá passou a ficar em frente da janela. O binóculo foi um presente meu, ela pediu.

— Certo. Isso faz o quê? Uns vinte anos desde que ela veio para cá? As pessoas nessas fotos não sabiam que estavam sendo observadas. Isso é sério, Eva, sua avó não podia ter feito isso, tirar fotos sem que elas soubessem. E se ela presenciou algo que não podia? E se alguém percebeu que ela bisbilhotava seus segredos?

— Você está querendo culpar minha avó pelo sumiço dela? Olha, Boris, esse hábito que ela desenvolveu me incomodou no começo, mas ela era uma senhora parálitica. Ela não nasceu assim, mas se tornou isso, então nada mais justo que tentar aliviar seu tédio. Ela nunca fez mal a ninguém, e se ela quis tirar as fotos o que isso tem? Ela nunca espalhou para ninguém o que via, pelo contrário, nem tocava no assunto.

— Eva, se você quer mesmo descobrir o que aconteceu com sua vó precisa parar de justificar as estranhezas dela, as manias. Precisa enxergar que Jeane tinha esse mau hábito e que pode ter sido a chave do seu desaparecimento. Os policiais já andaram pela vizinhança, perguntando sobre ela, mas tenho certeza que não foram na casa ao lado, ou se foram não encontraram ninguém. As janelas estão sempre fechadas. É lá que precisamos ir se quisermos saber algo. Eu vou tocar o interfone ao lado amanhã assim que sair do trabalho. Para isso, vou usar minha identificação policial, se a casa ainda for habitada eles não vão poder negar informações para a polícia.



As fotos descansavam sobre a mesa, embaralhadas, formando uma sequência estranha de cenas aleatórias de pessoas desconhecidas. Não tem o que fazer, deixo tudo isso nas mãos de Boris, mesmo não concordando com seus próximos passos. Os vizinhos não têm nada a ver com isso, eles nem conheciam Jeane.

Boris, como sempre, está delirando sobre pistas falsas.

Boris

O caso de Jeane está tomando conta dos meus pensamentos mais do que gostaria. Durante o trabalho, me pego divagando sobre as possibilidades acerca do desaparecimento dela, principalmente depois que encontrei o envelope escondido. A distração não passa despercebida por Valentina que me cobra mais atenção. Estamos juntos desde que meu casamento terminou, mas não me sinto tão animado quanto ela para fazer essa relação seguir adiante. Valentina sempre foi uma ótima companheira de trabalho, mas como namorada tem se mostrado cada vez menos agradável.

— Desde que Eva te ligou aquele dia você anda com a cabeça nas nuvens. Vocês estão tentando uma reconciliação?

— Não diga bobagens, Valentina. Não é nada disso, ela só está com um problema e estou ajudando.

A minha mesa está uma bagunça, vários processos estão acumulados diante mim e a tela do computador reflete sua luminosidade contra meu rosto, nunca me senti tão cansado. Valentina está em pé tomando seu café em frente à mesa.

— Qual problema? Eu posso ajudar em algo? Sei que estou sendo muito chata nos últimos dias, Boris, mas toda vez que Eva liga você fica aéreo ou melancólico.

— Não pode ajudar não, é coisa de família. Tudo bem, Valentina, só me deixa resolver isso e logo tudo volta ao normal. Podemos tirar uns dias, viajar.

Ela volta ao trabalho parecendo menos chateada. Não tenho tempo para pensar sobre Valentina. Olho o relógio várias vezes aguardando ansioso o fim do expediente, para que possa ir na casa de Jeane e falar com Eva sobre as fotos. Ela não me enviou nada dizendo que viu as fotos, nem mesmo que se indignou com aquilo. Provavelmente Eva não achou estranho o fato da avó ser uma observadora paranoica. Como sempre, ela não enxerga o perigo mesmo que esteja em frente aos seus olhos.

O dia termina, invento para Valentina que estou cansado e vou dormir para fugir das suas ideias de cinema ou jantar. Vou direto para casa de Jeane. Quando Eva abre a porta está tranquila e até mais animada. Ela não toca no assunto das fotos, eu preciso

lembrá-la que estou ali para isso. Eva realmente não vê problema algum naqueles registros. Nós discordamos em muitos pontos, mas, por fim, ela fica calada e não se opõe ao meu plano de abordar os vizinhos da casa ao lado.

As polaroides revelam que o hábito de Jeane de observar pela janela é algo que não começou no presente. Talvez ela tenha feito isso desde sua juventude de formas diferentes. Um observador paranoico como Jeane parece ser começa o hábito muito cedo. Aquilo me inquieta, desde o momento que vi a cadeira de rodas em frente a janela soube que algo ali estava muito errado.

Um dia após a visita à Eva para falarmos das fotos, aguardo o fim do trabalho com ansiedade. Dessa vez, nem me dou ao trabalho de escutar as lamúrias de Valentina, é como ouvir um rádio ao longe que não consegue transmitir mensagem nenhuma. Eu saio mais cedo e vou direto para a rua de Jeane.

Deixo o carro estacionado em frente à casa dela e ando até o vizinho. Antes de tocar o interfone olho a fachada, está abandonada, no jardim crescem ervas daninhas e o acúmulo de poeira embaça o vidro das janelas. Mas tem dois carros na garagem é o único indício que está habitada. Aperto o interfone por mais de quatro vezes, estou quase desistindo e voltando para o carro quando escuto o som do interfone chiando e a respiração do outro lado.

— Boa tarde, aqui é da polícia eu preciso fazer algumas perguntas.

Não há resposta do outro lado, o portão faz um ruído e salta do trinco. A porta da frente da casa abre o suficiente para que eu possa ver apenas os olhos da pessoa. Entro pelo portão, algo cruza meus pensamentos tornando-os soturnos, sinto medo e não sei dizer o porquê.

— Olá? – olho pela fresta da porta, não demora até a voz do homem vir lá de dentro.

— O que você quer?

— Eu posso entrar? Tenho algumas perguntas para fazer sobre a vizinha ao lado. Não é nada oficial, você não será intimado, só preciso fazer duas ou três perguntas sobre ela.

A escuridão no interior da casa é completa. Isso explica as cortinas das janelas sempre fechadas. Não consigo ver nada além dos olhos do homem flutuando no breu por trás da porta, ele parece esconder o corpo, o rosto está muito branco, meio esverdeado. Diante tal atitude a única ideia lógica que passa por minha cabeça é que ele possa estar doente.

— Não conheço os vizinhos. Eu não posso te atender agora.

— Entendo, senhor, eu poderia voltar amanhã? Escolha o horário. É a única casa que ainda não visitei.

O chiado da respiração dele me lembra do ruído de um cão ofegante, é animalesco. Algo muito errado acontece com esse homem, isso explica o fato de ele não me querer lá dentro. Levo a mão por instinto até o coldre na minha cintura onde está pesando o revólver.

— Tudo bem. Amanhã, tudo bem.

— Vou deixar meu cartão com o senhor, assim pode me ligar caso lembre de algo que possa interessar. Sua vizinha desapareceu e não há pistas do que pode ter acontecido a ela. Era uma senhora de oitenta e poucos anos, parálitica.

Estendo o cartão pela fresta, um frio intenso irradia do interior da casa. A mão que toca a minha é tão gelada que por um momento acredito que o frio veio dela. As unhas parecem garras, estão sujas e amareladas. Ele pega o cartão e fecha a porta com suavidade.

Deixo a casa para trás, não percebo que estou quase correndo de volta ao carro. Olho para as luzes acesas na casa de Jeane, penso em chamar Eva para falar sobre a estranheza do vizinho, mas resolvo deixá-la longe disso por enquanto.

Marvin

Eu lembro da minha infância quando viajava com meu pai para pescar. Nunca fui paciente na espera do peixe, mas gostava da estrada, do cheiro de mato e do silêncio no rio. O frio era agradável, úmido, e deixava os ossos trincando. Eu adorava sentir o frio, dormir na barraca, brincar com sapos no brejo, mas a espera do peixe me causava irritação, coceiras, odiava os insetos chupadores de sangue que deixavam marcas no corpo todo. Meu pai ficava lá parado no barco por horas e horas, cochilava, acordava, e permanecia imóvel.

Estou imóvel sentado na sala, por mais que feche todas cortinas e portas, alguma luminosidade do lado de fora ainda entra, ela é irritante. Cada ruído do mundo está dentro dos meus ouvidos, a construção na quadra abaixo é infernal, posso ouvir o som de concreto quebrando mesmo que esteja longe. Todos os ruídos do mundo vivem dentro da minha cabeça.

Depois de visitar Sina e aquela velha estranha que mora com ela, nunca mais voltei à minha consciência de Marvin. Tento me forçar a lembrar e vem apenas lapsos da infância, de um garoto que não conheço mais. Depois da infância há apenas um buraco como uma fita VHS sem nada registrado. Toda minha história de vida parece ter se apagado da memória.

Imóvel como meu pai ficava no barco, assim estou. Nenhum músculo se move, estou nesse corpo, habito ele, mas ele está paralisado. Tento me mover e não consigo. Ao longe escuto os passos agonizantes de alguém. Nadine... o nome sobrevoa meus pensamentos seguidos do rosto iluminado dela ao sorrir, mas não sei quem é, ela não passa de um nome e um sorriso bonito.

Liza falou sobre a Sede e sobre imortalidade, tudo isso parece fazer parte de outra existência, as mulheres daquela casa não eram reais. Estou preso num pesadelo. Tento levantar, mas o corpo permanece imóvel, nem mesmo meus olhos se movem, mesmo que estejam abertos. Não quero pensar sobre a garganta seca e ardente, sobre essa Sede incontrolável. Os passos da mulher no quarto se misturam às batidas do seu coração.

Lá fora, o céu deve estar nublando, de repente uma escuridão de nuvens pesadas cobre a casa. Eu consigo me mexer, a cabeça vira num giro na direção dos batimentos da mulher que caminha pelo quarto. As minhas pernas parecem feitas de chumbo, estão pesadas, mas quando me coloco de pé sinto a carga de energia ser distribuída pelo corpo. Eu me sinto uma máquina ao ser reiniciada. Dou um passo, depois outro, como se reaprendesse a andar. Meus pés não fazem ruído, diferente dos passos de Nadine, quando caminho pareço apenas deslizar.

Chego na porta do quarto, escuto ela chorar. O coração está disparado, o medo faz isso, o sangue está correndo com força. Minha boca parece mais seca do que nunca. Tiro a chave do bolso da calça, ela segura o choro porque deve ter escutado o som. Abro a porta. Nadine está sentada no canto da cama, a manta está enrolada em seu corpo. Ela parece um esqueleto, está decrépita, não lembra nenhum pouco a mulher sorrindo da minha lembrança.

Ela murmura algo, “Marvin, Marvin”, mas esse nome não quer dizer mais nada para mim. Eu puxo seus tornozelos, o seu corpo é quente tão quente que quase chega a ser insuportável ao toque. Os batimentos estão estourando meus ouvidos, só conheço um jeito de fazê-la se acalmar, conter seu coração desesperado. Seguro-a pelos cabelos, o pescoço longo está necrosado em vários pontos. Cheiro sua pele, é tão quente e tão... pulsante. A minha boca parece ter movimentos próprios, o maxilar estala ao abrir no máximo. O coração de Nadine está batendo nos meus dentes, ela se debate de forma débil como um antílope se debateria na mandíbula de um predador.

O som do interfone me interrompe, o ruído entra fundo pelos ouvidos. Deixo-a desacordada sobre a cama e saio pela porta do quarto correndo. Preciso parar com o som estridente, estou atordoado pelo barulho, demoro a localizar o telefone do interfone. Está na cozinha, me debruço sobre ele e a voz do outro lado é a de um homem perturbado. Posso sentir sua desolação na forma que o coração está batendo, lento. Talvez ele não tenha muito tempo de vida, afinal, seu coração parece bater errado.

Abro o portão. Ele diz ser da polícia, mas isso não significa nada para mim. Sinto esse distanciamento das coisas do mundo, das leis da vida humana, de suas instituições e credos. Abro a porta, mas a luz do fim do dia me enlouquece quase queimando os olhos, fico atrás da porta bloqueando essa claridade entorpecente. Ele fala e fala, não consigo captar direito as mensagens, minha mente está concentrada nos seus batimentos cardíacos

debilitados. Ele estende um cartão e pego depressa para evitar que demore ali, deixando essa luminosidade invadir a casa.

Fecho a porta e olho para o cartão, apesar da escuridão na casa enxergo mais do que devia, as marcas de diversas digitais estão ali no papel. *Boris Lúkin* está escrito com o símbolo da polícia e alguns números embaixo. Seu nome não quer me dizer nada, é apenas um homem qualquer com o coração fragilizado e um tipo de sangue ruim, rasgo o papel e volto para Nadine.

Eva

Depois do desaparecimento de Jeane os dias se tornaram pura apreensão. Toda vez que o telefone toca atendo aflita por notícias, mas elas nunca vêm. Os investigadores nunca mais me procuraram, acredito que desistiram de encontrá-la. Ligo para Boris, quero saber sobre sua visita ao vizinho, mas o celular cai na caixa de mensagens. Faz dois ou três dias que ele veio e falamos sobre as fotos. Depois ele nunca mais deu sinal de vida.

Essa incerteza me enlouquece, tiro o final de semana de folga para tentar descansar. Cora não veio mais, só me liga para saber se encontraram Jeane, é triste ter que lhe dizer toda vez que não temos nenhum sinal.

Estou embaixo das cobertas, é uma noite fria, vendo alguns filmes aleatórios que passam na tevê. Vez ou outra, as lembranças das fotos que minha vó guardava me vem. Olho para elas, estão ao lado da cama e reviro-as. Nada me chama atenção. Ainda não estou convencida sobre o que Boris falou sobre os vizinhos.

Nada distrai minha mente desse assunto, todas tentativas de formular hipóteses para o sumiço dela desaguam em mais incertezas e mistérios. Não tem qualquer explicação uma senhora paralítica sumir do segundo andar de um sobrado. Rolo na cama tentando dormir, a televisão ainda está ligada em volume baixo. O meu telefone toca me tirando da angústia da insônia. É quase uma da manhã, nesse horário qualquer ligação parece agourenta.

Atendo e do outro lado da linha escuto a voz sussurrante de Cora, seu tom de voz me faz lembrar fantasmas à meia-noite cochichando no ouvido para que o sono nunca venha. Sinto muito medo, não de Cora, mas das palavras que deslizam direto para minha cabeça confusa.

— Eu vi a senhora Jeane hoje no fim da tarde, atravessando a plataforma do viaduto.

Eu peço para Cora repetir essas informações por três vezes e ainda assim me sinto descrente, dentro de um sonho. Como ela poderia estar atravessando a plataforma sem estar na cadeira de rodas? Falo para ela que deveria ser alguém muito parecida com Jeane,

tento convencer Cora disso e não deixo que ela tente o mesmo comigo, não posso acreditar no que escuto.

— Eu tenho certeza que foi ela que vi, dona Eva. Certeza, o ônibus estava parado no engarrafamento, pude observar por muito tempo. Era a senhora Jeane sim, ela caminhava com os olhos à frente sem perceber o mundo em volta. Ela estava com a camisola que eu vesti nela na noite que desapareceu. Passei o resto da noite pensando se deveria falar com a senhora ou com a polícia primeiro, mas acho que a polícia não vai acreditar em mim.

E eu tampouco acredito, mas fico calada. Peço o endereço de onde ela viu Jeane. Era muito longe de casa, não tinha sentido algum as palavras de Cora, mas resolvi guardar aquela informação para tentar pensar melhor nos dias seguintes. Devo falar com Boris sobre isso, ele também vai me dizer que só pode ser alguém muito parecida com minha avó, mas algo na voz de Cora me transmite muita convicção.

Boris

O restaurante não está muito cheio porque é uma quarta-feira. Depois do trabalho trouxe Valentina para jantar, ela me procurou a semana passada inteira para marcamos algo porque tinha uma notícia importante para me dar. Confesso que não estou conseguindo prestar atenção nela nos últimos dias, desde que Eva me ligou para pedir minha ajuda no caso de Jeane. Olho para Valentina à minha frente e por mais que seus lábios estejam se movendo, não consigo escutar.

A minha mente está presa na experiência estranha que tive ao ir visitar o vizinho. O que mais me intriga é sua mão esverdeada, a carne pútrida de um morto e o frio que me arrebatou quando ele abriu a porta. Eu quase esqueço que é atrás de Jeane que estamos, minha atenção vai toda para o vizinho agora. Disperso em pensamentos, sinto o toque da mão de Valentina sobre a minha. O prato à minha frente está intocado, a única coisa que faço é, em um movimento automático, levar o copo de *scotch* até a boca sem sentir o gosto da bebida.

— Você não vai dizer nada, Boris? Acabei de falar que vai ser pai.

A queda de volta à realidade é abrupta. Pisco algumas vezes até que as palavras dela formem o sentido correto em minha cabeça. “Pai?” penso comigo mesmo, é inevitável não me ver de novo no dia que Eva me deu a mesma notícia. A diferença é que estava em casa em frente à tevê e não tinha nenhum estranho dominando meus pensamentos. A diferença era que antes a ideia de ser pai me enchia de euforia, mas agora... Tento sorrir e aperto sua mão. Digo que sou o homem mais feliz do mundo, peço mais bebida para brindarmos, tento fazer de tudo para que ela não perceba que não estou ali. Valentina está com os olhos marejados e um sorriso luminoso até que o meu celular toca e solto suas mãos.

“Cora, a cuidadora de Jeane me ligou ontem de madrugada para dizer que a viu andando na ponte”, Eva diz, esqueço que estou com Valentina na mesa e digo a ela que vou passar lá assim que deixar o restaurante. Conversamos mais um pouco. Eva está convencida de que Cora viu alguém parecida com Jeane, mas sinto no seu tom de voz que quer acreditar muito nisso por mais absurdo que pareça, ela espera que eu confirme ou

refute essa possibilidade, mas não falo nada que lhe alimente ou tire a esperança, apenas me despeço. Encaro o rosto avermelhado de Valentina à minha frente, ela está levantando para ir embora.

Fecho nossa conta e vou atrás dela, Valentina está caminhando rápido pelo estacionamento do lugar. Preciso correr para segurá-la. Tento me desculpar, dizer qualquer coisa que ameniza sua mágoa.

— Por que vocês não reatam, Boris?

Valentina não está falando alto como de costume, pelo contrário, sua voz está baixa e cansada.

— Por que não volta para ela? Toda vez que ela liga é isso, você vai correndo. Parece que fica o dia inteiro esperando por isso.

— Valentina, estou ajudando Eva no desaparecimento da avó dela. Não quis te contar nada porque é um assunto só dela e não queria que ninguém do departamento soubesse que estou fazendo isso por fora.

Estamos no carro, Valentina fica calada um tempo olhando pela janela quando retoma o fôlego.

— Boris, não gosto nada disso, você não pode bancar o detetive particular dela. Se ela quer uma investigação a parte que contrate um detetive. Tem muitos competentes. – a mão dela toca meu ombro, estou correndo e nem percebo, minha cabeça está voltando a pensar no vizinho de Jeane e no que Eva acabou de me dizer – Não quero que nada aconteça a você, Boris, e toda vez que Eva liga nos últimos dias sempre tenho um pressentimento ruim.

Digo a ela que é coisa de sua cabeça, que quando isso passar tudo voltará ao normal, pensaremos em nosso filho e em morar juntos, mas dessa vez Valentina não parece cair nas minhas falácias. Ela se encolhe no banco e cai num silêncio ressentido.

Marvin

Assim que a noite cai me sinto impelido ao chamado da lua, ela é branca e reluzente. Minha cabeça está povoada por pensamentos que não me pertencem e pelas vozes que não reconheço. Saio de casa seguindo passos incertos assim como a mulher, Liza, não possuo mais sombra.

Se continuo andando é por alguma força que me impulsiona adiante e não me sinto parte de mim mesmo. Sou outro, olhando por retinas da criatura que me habita.

As luzes da avenida embaralham meus sentidos. Não sei o porquê, mas estou diante de uma casa noturna. Uma mistura de ruídos me desnor-teia, dá para saber como batem os corações de todos em volta. Minha mente é um caos de batidas descompassadas e doenças coronárias, elas reavivam a minha sede, estou salivando.

— Você está sempre atrasado. — é Sina na minha cabeça, por trás da minha mente, entrelaçada em cada fibra cerebral do meu cérebro seco.

Olho em volta, estou dentro da casa noturna onde mulheres desfilam seminuas e um DJ toca batidas eletrônicas confusas. Não enxergo Sina, mas sua voz continua por dentro. Desvio das pessoas, seus corações acelerados deixam o sangue quente, o lugar é asfixiante.

Ela surge na minha frente vinda de não sei onde. Sina está com o rosto tão branco que as luzes parecem transpor sua pele, os olhos dela são duas bolas amarelas, a pior parte continua estampada nos dentes expostos entre os lábios. Onde está a mulher belíssima que me atraiu ao procurar meus serviços de corretor? Não pode ser a mesma.

— O que está fazendo aqui? — olho para ela que passa por mim e se acomoda num lugar apertado do balcão. Eu me sento ao seu lado.

— Eu estou aqui para te fazer companhia e você para aprender sobre quem é. — seus olhos vagam de uma pessoa a outra com rapidez.

— Eu vim por que você quis? Como consegue fazer isso... — toco minha testa — falar aqui na minha cabeça?

— Não tem como explicar e não precisa. Você está animado? Essa é a casa mais cheia da região. Estou sempre por aqui desde que cheguei – sua língua pálida passa pelas pontas das presas. Sina acompanha um jovem passar com o olhar faminto e estatelado.

— Eu não vou matar pessoas, Sina. O que disse na casa da Liza continua valendo. Não conte comigo nessa loucura de vocês.

Antes que possa me afastar ela segura meu braço, sua força é desproporcional ao seu tamanho, pois Sina é bem menor do que eu.

— Você acha que vai poder fugir para sempre? – sua voz é um sussurro – Não vai conseguir conter a sede, enganá-la ou despistá-la, ela vai tomar conta de você e isso vai ser pior.

Os sons estão cada vez mais nítidos, minha cabeça está espichando de novo e doendo para todos os lados.

— Sina, por que isso está acontecendo comigo? O que houve com seu rosto?

Eu me lembro da lua alta no céu e o rosto da mulher se torna tão branco e redondo quanto um asteroide no universo a me engolir e me manchar. Não sinto meu corpo porque não sou eu mesmo.

Logo, volto a mim, sentado numa das mesas do lugar sem saber como me locomovi até aqui, Sina está ao meu lado e continua sustentando um olhar horrível e animalesco. Ninguém repara no seu rosto, é como se fôssemos invisíveis, como ninguém pode ver quão desoladora é sua face?

— Sina, me responde, por que tudo isso está acontecendo? O que você fez?

— Eu te conheci e gostei de você e foi assim que aconteceu. Estaremos juntos por um tempo, você sabe, a eternidade é solitária e entediante.

Eu penso em Nadine, algo está tentando me fazer voltar a mim, mas me sinto fraco.

— Seu rosto, o que há com ele?

Sina está encarando alguém, cada vez que a observo me sinto mais enojado. Ela não me olha quando fala comigo.

— Meu rosto? Agora que é um de nós pode enxergar como somos. Você não está tão melhor que eu, e quanto mais negar sua essência mais bicho vai se tornar. É importante manter certa aparência, a sua está horrível.

Ah! O meu rosto. A sensação de formigamento que acompanha a dilatação da cabeça me incomoda. Levo as mãos ao rosto, meus dentes parecem não caber na boca, onde havia o nariz falta-me parte do rosto. Pareço usar máscara numa noite de Halloween, nunca me senti tão detestável e fora de mim.

— Isso está acontecendo de verdade – murmuro – como? Como virei isso e como você virou isso?

— Você quer mesmo perder a noite conversando? – Sina me dirige os olhos amarelos.

— Eu preciso entender!

— Como me tornei quem sou? Liza me concedeu essa dádiva.

— Dádiva?

— Diferente de você eu assumi o que sou e assim alcanço a totalidade do meu ser. Não há nada comparado a mim, nem mesmo Liza consegue ser tão completa, sabe por quê? Porque eu escolhi isso, eu escolhi ser quem sou.

— Você escolheu ser isso? Por que alguém iria querer isso?

— Eu fui uma prostituta em Whitechapel no ano de 1888, aquilo não era vida. Quando Liza me acolheu eu pude descobrir o que sou de verdade, o que nasci para ser. Naquela época você deve saber de um maníaco que assassinava as garotas das ruas na calada da noite. Eu morria de medo, estava morrendo com a tuberculose e outras doenças que consumiam meu corpo e minha mente, vivia tremendo. Eu sempre detestei o medo, a sensação de torpor e impotência, andar me escondendo pelas sombras e me afundando nas garras do pânico, odiava como meu coração disparava a cada passo que dava nas noites. Decidi não ter mais medo e Liza me abriu a porta. Você não pode entender o que foi essa virada de vida, porque você não conheceu o medo como eu. Para você é uma maldição, para mim? Uma dádiva, um renascimento. Cada um vê a realidade por diferentes perspectivas, você não pode entender a minha e não posso entender a sua, por

que me admira pensar que sente falta do que você era, se, pelo menos, soubesse o que se tornou, se tivesse consciência disso.

O falatório dela fez minha cabeça rodopiar, o estômago está em chamas.

— Eu não pedi por isso, Sina, e você não tinha o direito de acabar com minha vida.

— Ah, Marvin, sua vida está apenas começando.

Eu sou tragado pelo amarelo dos olhos dela, caio na vertigem de um buraco negro. Não sou mais o mesmo, eu me sinto morto e enterrado.

Não estou dormindo embora me sinta entorpecido pelo sono. Estou sentindo todos os aromas de uma forma atordoante. Escuto o som ao longe da música que tocava quando conheci Nadine... *Like a long lonely stream I keep runnin' towards a dream, movin' on, movin' on.*

Mas essas lembranças não me pertencem, e sim, ao homem morto que carrego em mim. Sina disse “a eternidade pode ser solitária” e isso me atinge de uma maneira nova. A solidão em me saber eterno desarma qualquer força de vontade. Não posso morrer, quão estarrecedor isso pode ser?

O gosto amargo na boca é maravilhoso. O cheiro de sangue toma o lugar dos sons e aromas, escuto a sucção dos meus lábios e os ruídos de Sina pela casa. Eu sei que esta é minha casa, ou era antes de me arrastar feito um moribundo até aqui.

Além dos cheiros e sons da casa, a mulher que está descansando em meu colo se parece Nadine. Ela está azul e o vermelho do sangue mancha seu rosto, as feridas abertas fedem a podridão de carne decomposta.

— Essa música – olho para Sina que está balançando ao sabor da melodia – eu a conheço.

— Claro, querido, ela está vindo da sua vitrola. Eu coloquei, sempre gostei de música.

A música se ergueu mais alta, não me sinto acolhido ou emocionado como antes. Meus ouvidos procuram batidas de corações vivos, e não há nada. Olho para o corpo de Nadine deitado torto em meu colo, a morte impregna tudo com seu silêncio antigo.

— Você está mais forte – Sina se move como uma mancha, volátil e espalhada. Seus passos não ecoam.

— Eu matei sem perceber, ou foi você, demônio, que acabou com Nadine?

— O sangue dela é seu, não meu. Até porque não me submeto à sede, estou bem alimentada.

Sem nenhum esforço salto sobre Sina apertando seu pescoço fino com as mãos de uma besta, minhas unhas são garras acinzentadas. A única imagem que me atormenta são as enormes presas zombeteiras de Sina. Enquanto rolamos escada abaixo ela solta gargalhadas como gritos de criaturas notívagas.



Eva

Nessa tarde atendi mais casos de gatos atacados por algum animal estranho. As marcas dos ferimentos não podem ter sido feitas por cães. Depois de avaliar cada caso, envio um relatório para outro veterinário, alguém deve saber com qual tipo de predador estou lidando. A região é urbanizada, nenhuma reserva ou parque por perto. Fico intrigada pelo resto do dia até chegar a hora de ir para casa.



Não estou de plantão, saio da clínica com os raios de sol sumindo atrás dos arranha-céus. Troco algumas palavras com meu sócio antes de ir para o estacionamento, o caso dos gatos ainda está me desconcertando. A cabeça está voltada para essa questão de tal forma que quase me esqueço o motivo de estar morando na casa de Jeane.

Sinto o peso cair em meus ombros fazendo as costas doerem. Estou sentada no banco do motorista quando meus olhos encontram outros olhos emoldurados no espelho retrovisor. Apesar de cerrados e avermelhados eu os reconheceria a quilômetros de distância. São os olhos de Jeane, eles estão me encarando atrás do carro.

Meus pensamentos são sugados pela imagem dela, nesse momento tudo converge a ela. Desço do carro e um frio cai sobre mim. Quero gritar seu nome, correr até ela. Jeane está de pé, não parece ter dificuldade em se manter assim, me olhando com um tipo de atordoamento inebriado.

Cora me ligou numa madrugada, disse que viu Jeane caminhando pela ponte. Não pude acreditar assim como não acredito agora no que meus olhos veem. Não dá para confiar nos sentidos, eles podem pregar peças. Não consigo me mexer e quero chamá-la para ter a certeza que não passa de uma senhora parecida. Antes que eu possa voltar a algum tipo de racionalidade, Jeane corre e desaparece pelas vielas pouco iluminadas e cobertas de sombras.

Corro atrás de seus passos, seguindo seus ruídos. Por onde passo bichos se escondem nas latas de lixo, mendigos ressonam o sono dos moribundos. Jeane me guia por esses becos fétidos, sinto minha respiração tóxica puxando o ar suburbano. Ela desaparece como uma miragem, talvez não tenha passado disso.

Quando volto para o estacionamento da clínica noto que andei apenas algumas quadras. Nada tão longe quanto achei correr. A noção de espaço e tempo me desnorteia por um momento ao correr em círculos atrás de uma sombra. Estou nervosa sem conseguir organizar as ideias. Perto do meu carro vejo uma silhueta parada, ela é baixa e usa um terno, seu porte parece nervoso, sua perna treme.

Ao me aproximar reconheço o rosto de Valentina, a colega de Boris em outros tempos, agora sua atual mulher. A iluminação fraca do poste recai em seus olhos, quase posso rever o vermelho do olhar de Jeane, mas é apenas coisa da minha cabeça.

— Você deixou o carro aberto – Valentina me olha com desconfiança – não entendi o que te fez sair correndo, mas passei aqui só para te pedir algo, Eva.

— Claro, Valentina, peça.

Nunca senti nada ruim por Valentina, quando perdi o bebê ela foi uma verdadeira amiga de Boris, mas quando ela se aproxima de mim agora sinto o seu calor e os olhos estão pretos demais. É como encarar um cão raivoso que baba e rosna.

— Eu quero que você e seus problemas fiquem longe do Boris. Sei que está passando por uma situação difícil, mas deixe ele de fora. Eva, ele não pode ajudar mais, não tem condições e você está atrapalhando seu trabalho. Ele estava conformado com a relocação até você ligar e fazê-lo sair todo dia mais cedo para investigar algo que não é da conta dele. Nós vamos ter um filho, Eva, e quero ele por perto.

Quero dizer a ela que entendo, que não vou atrapalhar mais. Muitas palavras passam por minha cabeça enquanto permaneço calada. Da forma que Valentina me observa devo estar perplexa e constrangida.

— Tudo bem, Valentina. – é tudo o que consigo dizer.

Ela se vira na direção contrária, seu carro está parado ali. Antes de ir embora, Valentina me olha sobre o vidro da janela semiaberta, era para ser um olhar ameaçador ou de aviso, mas só consigo sentir pena emanando dela.

Ao deitar na minha cama, as imagens me assaltam e por mais cansaço que sinta não posso dormir. Jeane e Valentina disputam minha mente, mas minha avó sobressai ao correr em suas pernas sadias e hábeis. Quero acordar desse pesadelo, quero me sentir segura e racional de novo. Mas não abro os olhos e nem consigo fechá-los, permaneço deitada, entregue ao movimento violento dos pensamentos e sensações sombrias na completa inércia de quem está prestes a cair num abismo.

Boris

Há quatro dias não recebo notícias de Eva, ela não retorna minhas ligações. Não consigo entender o motivo desse comportamento. Porém, não me afastarei do caso de Jeane, estou envolvido o suficiente para não recuar. Algo no estranho vizinho quer dizer muito e não pretendo desistir justo quando sinto estar perto de resolver o caso. A forma como o homem abriu a porta deixando entrever apenas seus dedos esqueléticos, a sua voz constipada e as fotos que Jeane escondia no envelope. Tudo isso me faz retornar à porta do vizinho mesmo que não consiga falar com Eva antes.

O dia passa arrastado, é sempre assim quando esperamos que termine. As horas não movimentam os ponteiros do relógio. Passo boa parte do dia distraído das minhas obrigações. Valentina me procura o tempo todo para falar sobre o bebê, mas não estou disposto, tento disfarçar, às vezes dá certo.

Faltando apenas meia-hora para que eu possa ir embora o tempo se estica, ele parece ter congelado. Penso em como vou abordar o vizinho, traço as hipóteses que podem envolvê-lo no desaparecimento. Preparo minha arma conferindo as balas e a trava de segurança. Trabalho há vinte anos como policial e sei o que significa esse frio no estômago, estou muito perto de algo decisivo. Nós sempre sentimos quando a curva do destino está prestes a dar uma guinada.

Mal espero chegar a hora de ir embora, estou no meu carro. Despistei Valentina ao dizer que iria para casa, pois minha cabeça doía. Ela não ficou muito convencida, mas não disse nada. Deixo mais uma mensagem no telefone de Eva, aviso que vou falar com o vizinho de novo. Ela continua muda.

O trajeto até a casa de Jeane está engarrafado. Dentro do carro o ar está abafado. Pensamentos aleatórios me inquietam, Eva silenciada me angustia, ela ligou e disse que a avó foi vista caminhando, mas ela era parálitica. O rosto do meu filho morto chorando irrompe na memória. Valentina tagarelava sobre termos um menino. Não quero ser pai, eu nunca quis, sou quebrado. Minha perna defeituosa dá uma fígada no joelho. Estilhaços

de tiro perfurando a carne, eu tombei aquele dia, quando acordei estava na cama do hospital e a perna condenada. Eu estou quebrado, quase parando.

Não vejo quando estaciono em frente à casa de Eva, estou aqui olhando para o sobrado ao lado. Uma onda me arrasta para o fundo de uma melancolia pegajosa, mal consigo sair do carro, arrasto toneladas de chumbo em cada tornozelo. Toco o interfone, meu corpo dói na carne, estou fatigado e trêmulo, o frio que vem da casa é tão forte que meus dedos adormecem, estão sem texturas, estou preso numa sensação pálida.

Marvin

Afogado no vermelho.

Asfixiado por microaromas do universo.

A vida é contínua destruição e recriação. Nada é eterno, nada pode ser imortal. Tudo é um fluxo contínuo e está em movimento. Eu me desloco de um polo a outro de mim mesmo, nenhum nome me pertence.

Marvin foi aquele homem que morreu engasgado com a luz do Sol. Ele trouxe caixas de papelão e a mulher amarela. Marvin tinha a certeza de que a vida era apenas parte de algo maior. Ele falava em Deus e amava o cheiro de bacon pelas manhãs. Esperava morrer depois de uma vida bem-sucedida e com a velhice garantida cercada por netos. Marvin tinha carro do ano e estava em ascensão no mercado imobiliário. Alguns amigos leais para churrascos aos domingos, e a mulher amarela de pele bronzeada do lado direito da cama. Ele tinha a certeza de que o fluxo teria fim, a morte viria depois de muitos anos bem vividos.

Você era uma parte muito pequena, Marvin, nada além de fumaça. Estou espalhado em todos espaços do tempo, mergulhado no vermelho. Sinto tudo com uma plenitude atordoante porque não posso mais me ver no homem que carregava caixas de papelão cheias de materiais descartáveis. Um descascador de batatas e um espremedor de laranjas. Observo as pontas dos meus dedos enquanto o estranho se aproxima do meu portão, consigo ouvir o som dos seus passos espalhando-se pelo terreno. Ele pisa leve, mas eu poderia sentir o voo de pássaros do outro lado do mundo, me sinto conectado a todos movimentos da vida-e-morte.

O interfone chama por uma, duas, três vezes, o som é irritante, mas me sinto calmo, tranquilo. Dono de um centro morto que não pulsa mais no peito. Deixo que ele toque e toque, gosto de movimentos cíclicos e repetitivos como ver uma mosca voando no olho decomposto de Nadine. Seu cheiro é terrível e adocicado.

Abro a porta o suficiente para que possamos nos ver. O coração do homem está falhando, ele não sabe quão curta será sua vida, algo ruim está correndo em seu sangue.

Algo grave, talvez câncer, não sei, só sei que sinto a malignidade desse fluxo sanguíneo e me enjojo. Ele fede a putrescência.

— Pois não? – falo da porta.

— Olá, sou Boris, o detetive que esteve aqui outro dia.

Vou até o interfone e abro, aguardo ele na porta. O homem para na minha frente, ele tem uma arma escondida na cintura, posso sentir o cheiro da pólvora e ouvir o chacoalhar do coldre. Posso ouvir tudo.

— Você veio perguntar sobre a vizinha? – levo-o até a cozinha, ali a luz tênue do fim do dia entra em uma réstia. O rosto do homem está murcho e desconfiado.

— Sim, eu gostaria de fazer algumas perguntas. – ele puxa uma cadeira e senta sem que eu tenha convidado a fazer isso.

Permaneço de pé em frente ao homem, ele está me medindo com os olhos, me avaliando, a tensão do seu corpo é perceptível, ele deixa a mão sobre o coldre para que eu veja que está armado.

— Faça as perguntas, mas não vou poder ajudar. Não conheço nenhum vizinho, eu me mudei há pouco tempo.

— Que cheiro é esse? – ele olha na direção da escada, Nadine está lá em cima no quarto, não sou o único com um bom faro.

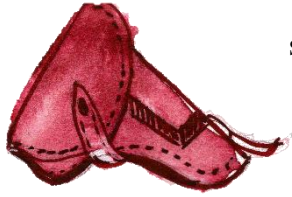
— Cheiro?

— É, algo podre. Posso checar o andar de cima?

— Claro, me acompanhe.

Ando à frente de Boris, o policial se move com vagareza, seus batimentos são lentos. Posso sentir a enfermidade corroendo seu espírito. Nós avançamos o lance de escadas, a partir de então o coração do policial dá saltos rumo a uma taquicardia, é o nervosismo, ele tem cheiro de suor.

Ao abrir a porta permito que ele entre primeiro no quarto. O homem chamado Boris fica de pé, a mão sobre o coldre na cintura segura o cabo da arma já empunhada. Nadine parece sorrir do ângulo que a vemos, seu rosto está virado na direção da porta e os olhos vidrados dão a sensação que a qualquer momento vai piscar e sair andando.



Ele não tem tempo de processar as informações que seu cérebro organiza. A capacidade de funcionamento da sua cabeça equivale a um sistema computacional dos antigos, trava e demora. Essa é uma das vantagens de estar à frente do funcionamento humano, Boris ainda nem virou os nervos dos seus olhos para mim quando já apreendo toda cadeia de suas reações só pelos cheiros e sons que emite. O estampido seco do projétil corta o silêncio da casa.

Eva

“Não consigo falar com você, vou visitar o vizinho da sua avó de novo hoje depois do trabalho. Não sei o que é, Eva, mas algo nele não me cheira bem... eu queria falar com você sobre isso...” a mensagem continua por dois minutos. Escuto pela terceira vez. Boris enviou ontem, eu o ignorei, não quero envolvê-lo mais no assunto, mas Boris é cabeça dura, não vai desistir fácil. Deveria cuidar de Valentina e do filho que esperam, depois que ela me procurou decidi não manter mais qualquer tipo de contato com ele.

Não consigo enxergar a ligação entre Jeane e o vizinho. Boris às vezes não pensa direito, talvez sejam os anos afastado de investigações, ele deve ter perdido o tino. A voz dele na mensagem está ansiosa, não tenho bom pressentimento depois que a escuto. É como se Boris estivesse fazendo algo errado ou perigoso, não sei, a ideia de continuar incomodando o homem da casa ao lado não me parece boa.

Eu tento ligar para ele, mas Boris não atende, envio mensagem de texto dizendo para esquecer o assunto que eu vou dar um jeito. Peço para que ele não se envolva mais, peço para que tome cuidado, mas quanto mais peço mais nervosa me sinto. Por que estou tão preocupada?

Não é sobre Boris, e sim sobre a imagem de Jeane correndo pelos becos, seus olhos vermelhos no retrovisor voltados para mim, suas pernas sadias fazendo ruído no chão, que estão me deixando perplexa. Não consigo parar de pensar no que vi e se foi real. Passo o dia distraída nessa lembrança, não consigo atender os animais que chegam com o cuidado necessário, logo volto para casa. Um calmante e uma boa noite de sono vão me fazer bem.

Boris não retorna, ele sequer visualiza a mensagem. Sem conseguir acalmar os nervos nem mesmo com comprimidos, saio de carro e volto para o lugar onde vi Jeane correr. O estacionamento do meu trabalho está vazio à noite. Rodo com o carro em baixa velocidade tentando captar algo nas sombras, não há nada além de gatos de ruas ou pessoas caminhando silenciosas. Nada de Jeane, nada.

Volto para casa me sentindo tola e cansada. Ligo para Cora e a faço repetir tudo o que tinha me dito sobre ter visto Jeane caminhando pela ponte no centro da cidade. Ela conta a mesma história sem alterar qualquer detalhe, não tem como inventar algo assim. A situação está me alarmando. Quando desligo, tento me acomodar na cama, cair no sono restaurador do calmante, mas isso não acontece, o telefone me chama, seu estrondo faz o coração saltar.

— Alô?!

— Eva, você sabe onde Boris se meteu?

É a voz de Valentina e ela não parece feliz.

— Não, Valentina, não falei mais com ele.

— Ele não apareceu hoje no trabalho e não foi para casa ontem como me disse que faria. Só pode ter algo a ver com o que estavam fazendo. Por favor, Eva, me diga se ele te falou algo.

Estou com o telefone no ouvido encarando o sobrado do vizinho através da janela da sala. As luzes estão apagadas, a casa parece abandonada.

— Valentina, eu vou precisar da sua ajuda.

Marvin

Estamos sentados na sala da mulher que diz se chamar Liza. Sina está parada, os olhos fixos à frente, não há sinal de respiração em seu corpo. Liza está degustando um cálice de líquido escarlate, seu rosto parece uma máscara cadavérica e os dedos longos não passam de garras. Por horas não falamos nada. O silêncio não dura, os ruídos do mundo estão sempre presentes desde os insetos que voam do lado de fora ao som da decomposição das larvas no lixo da cozinha.

— É incrível como você se adaptou bem, Marvin. — Liza está me olhando por cima do cálice. Estamos sentados como se fosse uma reunião de negócios.

— Ainda não consigo entender o que está acontecendo. O que fiz com Nadine?

Sina levanta a mão em um gesto rápido e certo ao esmagar uma mosca gorda. Ela lambe o inseto e me lança um olhar frio.

— Você se alimentou dela, ela está vivendo em você agora. — É Sina quem responde enquanto Liza me observa, não tenho qualquer reação. Passei da fase do assombro, me sinto letárgico e vencido.

— Não queria falar sobre isso porque soa ridículo e absurdo, mas estamos aqui sentados como vampiros? Como se fossemos uma corja rebelde contra a raça humana? Cadê os caixões? E porque caminhamos durante o dia se o sol está lá no alto? Vocês não notam como isso soa patético? Como isso tudo é uma loucura? O que fizeram comigo, que tipo de seita é essa?

Liza está sorrindo, é horrível a forma como seu rosto se move, é como se ele fosse volátil e mutável. Não dá para acreditar no que vejo, muito menos no que sinto. Eu sinto a cabeça espichar para todos os lados, algo errado acontece cada vez que sinto a mente dilatar dessa forma.

— Você não deve acreditar em tudo o que vê nos filmes, Marvin. Não estamos sentados aqui como uma corja de rebeldes. Não há qualquer tipo de propósito para

estarmos reunidos aqui. Apenas estamos. Você não precisa estar conosco, não precisa andar conosco ou se importar com essa suposta raça, é livre para fazer o que bem entender, a propósito, nós vivemos sozinhos, mas a eternidade é solitária e de vez em quando você vai querer companhias.

Sina está com os olhos sobre mim.

— Ele não vai se aceitar, Liza. Não adianta. Vai ser mais uma besta irracional vagando pelo mundo, como tantos.

— Aceitar? Não pedi por essa loucura, vocês fizeram isso comigo. Eu quero a minha vida de volta, entende? Eu quero a porcaria da minha vida comum!

Liza se levanta, ela não possui sombra, mas ao levantar espalha uma penumbra de enregelar os ossos. Todo ambiente mergulha no completo breu. Ela desapareceu no meio do ar negro.

Olho em volta e encontro o olhar de Sina, frio e analítico sobre mim. Pergunto.

— Aonde ela foi?

— Não sei. Embora. Talvez não apareça mais.

Sina desliza do sofá e para na minha frente.

— Liza sempre teve essa necessidade de se cercar de companheiros. Antes andávamos com quase 50 dos nossos, tínhamos negócios importantes em todo mundo. Uma espécie de rede, mas as coisas foram minguando. Eles foram debandando, muitos são como você, simplesmente não suportam. A maioria não suporta, é preciso ser forte para ser completo. Ela talvez nem volte, está muito velha, Liza só quer viver sua vida sossegada. Não existe nenhum tipo de propósito aqui, ninguém quer eliminar a raça humana do planeta, até porque, sem eles o que seria de nós? O que seriam dos predadores sem as presas? Então, Marvin, você está por sua conta. Se vai aprender a enxergar a verdadeira beleza da sua natureza é problema seu, eu não vou mais bancar a babá. Você vai aprender sozinho, é o melhor jeito de aprender.

Tento sair do sofá, mas a força que ela exerce sobre meu corpo é suprema, não me mexo por mais que me esforce. Sina é uma criatura muito forte, a forma como seus olhos opacos arregalam cada vez que ela manipula sua força mental sobre mim é horripilante.

Seu corpo desaparece, mas a voz continua ressonando em minha mente: você vai aprender sozinho esse é o melhor jeito.

Eva

A mesa parece mais longa do que realmente é, Valentina está sentada na outra ponta. Ela parece distante, presa em outra dimensão, enquanto o copo de café gira de uma mão para outra. Sei que está tentando controlar o nervosismo, tentando tolerar tudo o que estou contando sobre Boris e o caso de Jeane. A última mensagem que ele deixou acabou de tocar no celular sobre a mesa. Valentina não consegue levantar os olhos para mim. Fico quieta esperando seu momento de ira acalmar ou eclodir.

Enfim, ela me olha com firmeza, Valentina sempre foi uma mulher decidida de olhar bruto, dessas que não tem como dobrar, enganar ou ludibriar. Ela tem o rosto honesto e severo, dá medo encarar por muito tempo, medo que ela salte e morda, mas, no fundo, dá para sentir o calor da sua generosidade.

— Não adianta agora dizer o quanto vocês foram precipitados, Eva, vocês sabem disso. Realizar uma investigação à parte sem dizer para os responsáveis pelo caso sobre isso? Vocês podem ter atrapalhado tudo. Boris devia saber, mas ele estava obcecado em investigar, em colocar a mão na massa. Não o culpo por isso, mas e agora? Ele sumiu, temos só essa mensagem que ele te enviou. Eu vou dar um pulo na casa ao lado, ele não teria desaparecido assim sem dar notícias.

Quando Valentina diz que vai no vizinho meu coração dispara sem qualquer motivo aparente. Eu levanto e me sento perto dela, estou sem palavras. Mortificada pelo fato de Boris estar com problemas por minha causa. Seguro uma das mãos de Valentina, ela está gelada e tenta recuar, mas continuo segurando.

— Valentina, não sei o que Boris viu no homem que mora aqui ao lado, mas não tenho boa sensação sobre isso. Minha avó costumava... você sabe, bisbilhotar da janela do quarto a casa ao lado, sempre foi assim, e ela tirava algumas fotos. Eu tenho medo que ela tenha visto algo que não podia...

Valentina me interrompe ao levantar da mesa de repente.

— Eva, eu vou lá checar o que está havendo. – Valentina retira do interior do casaco seu revólver e o avalia – Estou acostumada a esse tipo de abordagem, se tiver algo errado vou chamar reforço, não se preocupe. Agora, não faça mais nada, não banque a detetive, você não sabe fazer isso e é perigoso.

Ela deixa a cozinha apressada, não preciso acompanhar até a porta. Enquanto Valentina vai para o sobrado ao lado eu corro pelas escadas em direção ao quarto de Jeane. Aproximo da janela e com o seu binóculo começo a observar a casa em busca de algum sinal, as janelas continuam fechadas e as luzes apagadas. Escuto ao longe o som de interfone ecoar, Valentina está fazendo sua abordagem e meu coração dá outro salto de desespero.

Jeane

E no escuro você vai chorar e chorar sem conseguir alcançar a altura do próprio choro... vai escutar suas lágrimas descenderem por um rosto que não será mais o seu. Vai tentar afastar a sombra que cobre sua outra sombra, ainda assim o choro vai continuar e seguir adiante como o curso de um rio desaguando no mar e o mar vai misturar a um oceano.

Achei que tinha secado o curso dessa água salgada, depois de 80 anos é tempo de seca, mas eu me sento no canto da rua, o colo coberto com o peso dele, o pelo grosso e enlameado e choro e choro por motivos que nem sei... êxtase e dor, é uma mistura de coisas que nem me dizem respeito. Estou de olhos abertos e mesmo assim tudo está negro, a noite é mais escura aqui embaixo da ponte, não tem luz, eu me oriento por movimentos, e os carros estão passando rápido na avenida.



Eu lembro do cheiro de bolo fresco que Cora fazia toda manhã de sábado, e lembro dos banhos frios no abrigo para melhor idade. Vivi oitenta anos e agora me sinto um bebê perdido e enrugado. A melhor parte foi ter sentido as pernas voltarem, mas depois da glória súbita, cai no lado obscuro da alma. Um lado que não imaginava existir porque agora quando existo é de uma maneira completa e não há nada mais atordoante que essa plenitude. É como estar morta sem ter morrido.

Vou andando como dá, tocando as paredes das ruas sentindo as vibrações que abalam o asfalto, elas também me abalam. Vou indo assim ao léu, seguindo os ruídos dos carros. Eu sei o caminho, meus pés sabem sozinhos, então deixo que me levem. Na piscina havia aulas de hidroginástica com outras pessoas bebês de rugas, no abrigo haviam pudins de leite e televisões o dia inteiro, ar livre e vitamina D. Lembro dos banhos de sol, mas não era a mulher na cadeira de rodas que vivia, era outra e ela está morta.

Bato na porta da frente, vejo o vulto passar pela janela, logo ela vai abrir a porta. Será que Eva vai me deixar entrar?

Quando ela tinha 8 anos caiu da cama e abriu um corte no queixo, não foi nada grave apesar de todo sangue. Eva não chorou, ficou branca feito uma boneca de cera, mas não abriu o berreiro como toda criança. Quem gritou fui eu, fui correndo e acudindo com meu jeito atrapalhado e ela me disse que estava tudo bem, que não tinha sido nada. Eva nasceu meio grande para idade e sua cabeça acompanhou o tamanho. Parecia sempre uma menina adulta, sua calma me acalmava. Mas quando vejo ela de pé na porta agora, está mais velha e com um olhar desnorteado, abalado, sua boca treme e ela está derramando lágrimas. Em nada se parece com minha Eva, o mundo todo me parece estranho, fora dos eixos. Eu tento chamar seu nome, mas não consigo falar, a voz ficou presa na garganta onde um bolo de pelo está me sufocando.

Marvin

Ela entra sorradeira como um rato numa lata de lixo. Seus pés quase não tocam o chão, mas posso sentir seu peso contra a gravidade. A mulher está na sala e segura uma arma, ela espera encontrar algo. Permaneço no topo da escada, a escuridão me serve como camuflagem. Se quiser posso ficar assim imóvel pelo resto dos dias.

A mulher está na cozinha, seus batimentos cardíacos estão acelerados. É o ritmo do medo fazendo o sangue quente correr rápido. Minha boca produz muita saliva diante o som do fluxo sanguíneo. Quando ela chega perto da escada sinto um tipo de vibração inédita. Nunca imaginei escutar algo assim.

São dois corações funcionando no corpo da mulher. O dela ainda está acelerado, o outro bate por trás em um movimento descompassado, penso em corações de passarinhos. Ela olha para mim com a arma apontada, não me enxerga apesar de sentir minha presença.

A confusão de batimentos me desnorteia, há mais sangue nessa intrusa do que posso conceber. Ela está com um filho em formação, posso ouvir as células se aglomerando à medida que ela sobe os degraus. O corredor leva a mulher até o quarto em que Nadine está, sei que está seguindo o cheiro, pois seu rosto está contraído numa careta desagradável.

Sigo seus passos, só então ela percebe minha presença. A forma que seu olhar me encara é inapreensível, não só pelo assombro, a surpresa que revela seu rosto é assustadora. Não falamos nada, sua arma é a única que emite som. A bala entra rasgando meu estômago. O coração da mulher está saltando na sua garganta.

Eva

Esperar é angustiante, as luzes do sobrado ao lado não acendem mesmo depois que escuto Valentina tocar o interfone. Ela deve estar dentro da casa, tudo permanece parado. Vasculho todo terreno através do binóculo, a imobilidade me preocupa.

Não foi boa ideia envolver Valentina nisso, penso em Boris e no que pode ter acontecido com ele. Apesar de todas preocupações, a imagem de Jeane fugindo pelas vielas ainda sobressai em minha memória. Sinto o peso do arrependimento.

Enquanto observo o sobrado ao lado, um movimento chama minha atenção do outro lado da rua. A senhora que arrasta os pés está suja e desorientada. Aumento o ângulo do binóculo e o rosto aproximado é o de Jeane, ela está vindo na direção da casa.

Não dá tempo de racionalizar o que vejo, apenas desço a escada correndo e abro a porta para ela. Jeane está parada diante o portão, seu olhar confuso trai um brilho de reconhecimento.

— Vó! – grito ao puxá-la para dentro de casa.

Jeane está com a temperatura tão baixa que temo estar sofrendo de hipotermia. A minha primeira providência é enrolar cobertores em seu corpo e fazer chá quente. Ela segura a xícara com mãos imundas de unhas longas, não consegue beber até cuspir em uma tosse violenta um pedaço de pelo de gato.

Digo a ela que está tudo bem, a temperatura não aumenta. Jeane não fala nada e então escutamos o tiro que ecoa no sobrado vizinho.

Jeane

Quando viajei em lua de mel com George fomos para neve e lá pudemos sentir o que significa um inverno rigoroso. A terra branca e o sol frio davam uma sensação melancólica. O calor é tão confortável, sentir o corpo ficar quentinho. Nós adorávamos ficar diante da lareira. Isso foi há mais de cinquenta anos. Quanto tempo pode durar uma lembrança?

Uma fração de segundos ou a vida inteira. Nesse momento, a minha lembrança dura o suficiente para que eu saiba que nunca mais vou sentir o corpo quente.

Eva me entrega uma xícara de chá, mas é impossível engolir. A bola de pelo me machuca na garganta. Só me liberto disso depois de forçar vômito. Não sei como isso foi parar na minha garganta. A memória depois de um tempo fica descartável, defeituosa.

A casa está do jeito que deixei na noite em que vi o casal de vizinhos brigando. Eva está com o rosto cansado e me dói perceber seu olhar de horror sobre mim. Não sei explicar o que aconteceu e sei que ela quer uma história. Digo a ela que preciso de um banho, então escuto a voz vir de um lugar distante, é um pensamento que não me pertence, “muito sangue, dois corações”.

O tiro acontece e entra por meus ouvidos tão alto que preciso cobrir as orelhas. Eva está de pé de olho na porta. Sei que alguém está em perigo, não só por causa do tiro. Senti antes mesmo de ouvir o disparo.

— Eva, preciso ir no vizinho.

— Vó! Vou ligar para a polícia.

— Não! – seguro a mão dela – Eu preciso ir lá, sem polícia, sem ninguém, Eva. Preciso muito ir até lá!

Marvin

A primeira vez que entrei nesse sobrado senti como se olhos me observassem, não olhos humanos, mas de algo inconcebível. Não gostei da atmosfera, mas Nadine se encantou pela casa. Ela era clara e amarela como o olho do sol ao meio-dia. Não sei mais quem foi Nadine ou o que éramos, as lembranças opacas não me acrescentam nada.

Eu não tenho mais pulsação, a bala no meu estômago está alojada como num bloco de concreto. Não há dor tampouco, sentado na sala eu observo o projétil cravado no ferimento que não sangra. Em outras circunstâncias estaria me debatendo pelo chão em uma aflição de morte. Porém, não há nada além do incomodo de observar o buraco no meu corpo.

A intrusa está se mexendo no sótão, acordando do desmaio ao qual a induzi. Logo vai estar gritando e se esforçando para escapar, como um inseto numa teia. Seus batimentos estão acelerados de novo. Seria mais fácil se ela não lutasse.

— Você está se saindo bem. – Sina está sentada na poltrona do meu lado e Liza perambula pela cozinha. Não sei como fazem isso, aparecem do nada. Dizem que mortos viajam depressa. Onde li isso?

— É a segunda policial que entra aqui, isso é sair bem?

— Chamar atenção não é bom, mas você acaba aprendendo a ser discreto. – Sina olha o ferimento e sorri – Ela foi mais rápida que você.

— Isso era para doer e não sinto nada.

Nesse momento, Liza está olhando para cima, ela escuta os passos da mulher no sótão. É a primeira vez que observo seu rosto, seus olhos ágeis como de uma águia, os lábios finos e roxos. Ela é pior do que Sina, seu rosto parece mais com o de um animal, morcegos hematófagos, o nariz não tem cartilagem e está farejando o ar com urgência.

Estou tirando a bala, o dedo afunda no ferimento necrosado, a pele é morta e fina, fede como carne podre. A voz da intrusa ecoa abafada pelo sótão ao pedir ajuda.

— Sina, traga ela. – Liza passa a língua nas pontas das presas, seu olhar é insano.

— Não. – levanto para enfrentar essa mulher acinzentada – Ninguém vai tocar nessa mulher. Tem corpos demais nessa casa. Eu destruí pessoas demais.

— Você está negando comida, Marvin? – Liza me encara, uma escuridão espalha ao seu redor como se ela abrisse enormes asas negras.

Era para existir medo, mas continuo oco. Não há nada.

— Não seja idiota, - Sina fala em minha cabeça – não continue bancando o imbecil.

Ela desaparece da sala me deixando sozinho com a fúria negra de Liza.

Há forças ocultas que não podem ser suportadas pelos seres humanos. Há dores tão fortes que o cérebro levanta barreiras para impedi-las de passar. Há tanto mal escondido no universo que a ignorância sobre ele pode salvar nossa alma de sua ação. Tudo o que tentar dizer sobre a atuação de Liza, sobre seu poder, será insuficiente.

Ela se ergue misturada ao véu negro e frio, sua figura decrepita mostra o peso dos séculos de uma existência nefasta. As garras projetadas na minha direção amassam meu cérebro, esfarelado todas lembranças. Liza à primeira vista não passava de uma simpática senhora de meia-idade, o rosto culto e sereno. Nesse momento, transfigurada em sua real essência ela é a personificação do Mal.

Veio a escuridão, o mais fundo dos abismos, ela destrói o pouco que resta da minha consciência como homem.



Eva

Eu tento acalmar Jeane, ela anda para lá e para cá, insiste na ideia de irmos até o vizinho. Ela não me deixa ligar para a polícia. Se tento ligar, Jeane fica histérica. Ela ainda não me contou sobre suas pernas saudias e tem esse olhar estranho e esperto. Sinto medo da pessoa que está no lugar da minha avó. É como se não tivesse a encontrado, apesar de seu rosto, não parece a mesma.

— Vó, o que você sabe sobre esse vizinho?

Jeane para de andar e olha para mim, sua palidez é mortífera.

— Eva, não temos tempo agora, eu sei que algo muito ruim aconteceu aqui do lado e preciso ir lá.

— Você? Ah faça-me o favor, vó. Vou ligar para a polícia.

Meu corpo parece o de uma boneca sem articulações, me sinto fraca. A tontura me faz sentar e respirar fundo, vem a sonolência. Preciso me deitar um pouco, foram os últimos dias, essa tensão enorme, Jeane desaparecida e tudo o que isso acarretou.

Tudo não passou de um sonho. Escuto a voz da minha avó no fundo da minha cabeça “Desculpe Eva, sinto muito. Nem eu mesma entendo. Agora, durma, querida”. É um sonho, estou certa disso.

Eu quero dizer que amo minha vó, que vou encontrá-la não importa aonde precise ir, mas não falo nada porque estou afundando no sono, presa no pesadelo onde Jeane corre e se esconde com uma face gatuna e olhos de crocodilo.

Jeane

Quando penso em acalmar Eva e fazê-la dormir, isso acontece. Não sei como, mas aos poucos ela se encolhe no sofá e se entrega ao sono. A minha cabeça está tão diferente. Para uma pessoa que sofria de perda de memória e enfrentava os primeiros sinais da senilidade, me sinto nova em folha, melhor do que sempre estive na juventude.

Deixo Eva dormindo, ela precisa de repouso, posso sentir seu cansaço na forma que o sangue flui. Poucas pessoas levam a sério, mas no sangue podem se proliferar todo tipo de moléstias, inclusive as emocionais. Sangue é vida, afinal.

Não posso me deixar distrair ao pensar em sangue, tenho feito muito isso ultimamente. Enquanto ando na calçada indo para o sobrado ao lado, a lembrança do homem volta como se eu vivesse aquela noite de novo.

Ele atravessou a janela, os olhos sempre fixos em mim, caminhou pelo jardim e desapareceu do meu campo de visão. Então, afastei da janela, a cadeira de rodas travou, não saía do lugar. Comecei a rezar o Pai Nosso com força, porque estava morrendo de medo. Ele apareceu na janela, assim do nada, abriu e entrou colocando uma perna depois a outra. Ele estava ali na minha frente e seu rosto tinha respingos de sangue.

Eu pedi para me deixar em paz, orei e até tentei gritar, mas ele não se importou. Ele é frio feito neve, feito rocha de iceberg, seus olhos não emitem nada, nem ódio, nem raiva ou loucura. Isso que bota medo, o nada, a ausência de qualquer emoção. Porque você sabe que quem não tem alma é capaz de tudo.

Então, ele avançou sobre mim apertando meu pescoço. Eu sabia que ia morrer, a Senhora da Foice estava lá para me levar, mas doeu muito. Senti uma das piores dores da minha vida quando as mãos geladas dele me sufocaram. Eu morri naquela noite, tenho certeza, mas quando amanheceu, acordei jogada no beco da avenida 45, perto do trabalho de Eva. Desde então, não parei de sentir esse frio.

É diante da porta do meu assassino que estou parada. Dentro da minha cabeça acontece uma sinfonia de vozes, eu me sinto louca. Entro sem dificuldade, abro o portão sem esforço, e também a porta de entrada. Não sou bem-vinda, sinto a repulsa da casa em

relação a minha presença. Quando entro na sala as três pessoas viram na minha direção. A mais nova delas, uma moça, está de costas e ainda assim gira o pescoço para me ver como faria uma coruja curiosa.

— Quem é essa? – ela pergunta para o homem, ele está diferente da noite que me matou. Algo em seu rosto o tornou inumano.

— É uma bisbilhoteira.

A mais velha deles segura Valentina pelos cabelos, a pobrezinha está tão machucada que demoro a entender o seu rosto.

— O que estão fazendo com ela? – pergunto, tremendo, tenho medo de estar tendo um enfarte, esqueço que meu coração não bate mais.

— Senhora, não é educado entrar na casa dos outros sem ser convidada. – a moça me olha, ela parece sorrir, mas são apenas os dentes que não cabem nos lábios.

Eu olho para ele, nós ficamos nos encarando por uns minutos. Muitas perguntas passam por minha cabeça. Entendo que nessa sala estou entre iguais, mas eles são horríveis!

— Por favor, deixem ela ir embora. Deixa ela em paz, eu fico no lugar dela.

Valentina dá um sinal de vida ao gemer, seus braços tremem, o coração está fraco e o do bebê também. Eu me assombro diante a percepção de que eles estão morrendo.

— Quem é você? – a senhora que segura Valentina me pergunta, de todos presentes a sua aparência é a mais assustadora. Alta e imponente, seus olhos são tão grandes e negros.

— Jeane, eu moro aqui do lado e ele me matou.

O homem não tira os olhos de mim. A mulher mais velha o repreende com o olhar, e lança o corpo de Valentina para ele segurar. Não consigo me mexer, estou presa por mãos invisíveis. É a senhora, ela move os lábios em sussurros diabólicos enquanto meu corpo fica estático, nem o rosto consigo virar para impedir que meus olhos registrem o horror da carnificina que o vizinho e a moça de presas orquestram.

Valentina não consegue fugir, está machucada demais para correr. Ela gira pela sala enquanto a mulher a cerca e a amedronta. Ele também impede que ela fique de pé, a

empurra e a faz cair sempre que ela consegue se erguer. É horrível ouvir seu coração disparado, o cheiro de sangue dos ferimentos dela faz meu estômago doer. Eles estão brincando com ela.

É quando Valentina, em seu último rompante de força, tenta empurrar o homem que ele a pega pela garganta numa mordida dolorosa, suas garras abrem a barriga dela. Eu quero morrer de novo por mil vezes se preciso for só para não ter que conviver com o que acabo de ver.

Marvin

Não há resquícios de nada antes do momento de agora. Nenhum passado, lembranças. O que sou é agora. Essa casa não é minha e essas mulheres ao meu redor não significam nada. Algo foi varrido da minha mente, não sei o que foi.

A mulher Liza tem a intrusa nas mãos, ela cheira a mulher. Sina trouxe como foi ordenado, não faço nada. Tudo está vermelho em volta e o único som do mundo são os batimentos da mulher grávida, os dois corações pulsantes.

Nós sentimos a proximidade de um quarto elemento sem pulsação. É a velha da casa ao lado, a bisbilhoteira de sangue doce. Ela entra na sala e fica parada com seu rosto confuso. Parece um animalzinho indefeso. Por que não a matei direito? Por que me deixei levar pela Sede?

Ela está me encarando como se viesse cobrar algo. Agora, sei que Sina me transformou para ter uma companhia de caça, ela disse que a eternidade é solitária. Não sei porque transformei essa mulher decrepita e fraca. Talvez tenha sido descuido, não sei controlar os meus impulsos.

A intrusa se debate no chão, as mãos de Liza seguram com força. A bisbilhoteira interpela por ela, algo me diz que são conhecidas. Liza está cada vez mais impaciente quando joga a mulher para mim, ela quebra a mente da vizinha. O poder que Liza tem é fora do normal, ela não move nenhum músculo para manter a intrometida presa.

Na minha cabeça o som do fluxo sanguíneo da mulher está tão alto que me impede de pensar. Estou mergulhado no vermelho. Sina persegue a intrusa pela sala impedindo-a de fugir, seus jogos são cruéis, mas Sina é assim, gosta da crueldade.

Não dá para tolerar mais a sede que toma conta de todo meu corpo e mente. Entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde, o segundo toma à frente de novo e dessa vez ele vai exercer total domínio. Eu abocanho a veia pulsante no pescoço. Não basta sentir o gosto, o segundo coração está palpitando no ventre da mulher, rasgo sua carne com as unhas e arranco de lá uma massa disforme que não vai chegar a ser um feto. O grito da mulher é tão alto e doloroso que deve ter acordado todas as legiões do inferno. É um urro animalesco de pura

dor e indignação. É o mais genuíno espetáculo da desolação humana. Ela amolece em meus braços, o coração é apenas um som minguado.

Enquanto Sina contém o jorro de sangue no pescoço encaixando sua mordida sobre a minha, levo a massa retirada do ventre até a boca. Absorvo essa vida que nem chegou a existir ao devorar a maravilhosa pasta de sangue. Estou me reequilibrando, pela primeira vez sinto saciedade e ela representa uma espécie de calma.

Eva

Não sei por quanto tempo estive dormindo. O sono foi restaurador, dormi como não consegui nas duas últimas semanas. A mente está limpa. A claridade que invade as janelas da sala me mostra que é outro dia e a silhueta de Jeane sentada no sofá ao meu lado prova que é real, ela voltou.

Eu me sento ainda tonta de sono, a fumaça do seu cigarro forma uma névoa em volta do rosto. Não fosse seu inconfundível cabelo curto, branco e desganhado, não diria que é minha vó.

— Jeane, o que aconteceu?

Temo ouvir as respostas, a fisionomia dela é perturbadora, a cara de quem esteve de frente com o diabo ou algo do tipo. A corrente de ouro reluz no seu pescoço, mas não vejo o pingente de cruz que ela tanto amava, foi o último presente do vô.

— Eva, eu vou embora e preciso que me entenda.

Sua voz está tão rouca que parece vir de outro lugar ou outra pessoa. Jeane apaga o cigarro no cinzeiro da mesa de centro e inclina o corpo para frente, seu rosto está nítido agora, a névoa de fumaça e poeira é apenas uma aureola em seus cabelos. Ela está linda, mesmo tão pálida, parece a Jeane que via nas fotos da sua adolescência.

— Valentina está morta, tenho certeza que Boris também. Querida, não chore, seu sofrimento é a minha morte. Não posso ficar porque não sei o que está acontecendo comigo. Preciso entender. Não é algo fácil, eu estou piorando a cada dia. Não posso te ferir, Eva, não suportaria. Depois do que vi na casa ao lado, depois do que presenciei, não posso ficar. Não me faça perguntas agora, eu também não compreendo, mas vou conseguir um dia e então te procurarei.

Minha cabeça parou de acompanhar as palavras de Jeane assim que ela falou sobre Boris. Minhas lágrimas descem em cascatas numa dor silenciosa. Eu estou fora do ar.

Agarro as mãos dela e me jogo em seu colo como fazia na infância quando queria atenção. Seus dedos são gelados no meu couro cabeludo, tão frios que estremeço. Digo uma série de “nãos” inconformados, puxo a saia do seu vestido florido. Ah Jeane! Eu desejei tanto te encontrar, eu cuidei tanto de você para que pudesse viver mais tempo comigo.

— Querida – ela levanta meu rosto, está triste, mas não chora. Vovó está vazia.
— Não se desespere. Faça o que vou te falar. Assim que eu for embora, ligue para a polícia. Diga sobre o disparo que ouviu, não se envolva mais do que isso. Siga sua vida, Eva. Volte para seu apartamento. Não pense mais nisso. Lembra quando te disse que já tinha passado da minha hora de morrer? A artrite, a paralisia nas pernas, a senilidade, as dores, a dificuldade de me lembrar da própria vida. Eva, as dores nos ossos me matavam um pouco todos os dias. Então, eu morri, meu bem, acabou tudo isso. Não sinto mais nada. Apesar de toda estranheza e desgraça estou bem e acho que posso ser feliz. Agora, vá viver sua vida porque ela é curta. Aproveite antes que as dores cheguem e o tempo comece a se arrastar.

Ela levanta e sai pela porta da frente, me deixa sentada no chão. Jeane não olha para trás, simplesmente vai embora. Sobre a mesa de centro, ao lado do cinzeiro, vejo seu pingente de cruz de ouro branco e quando o toco ele está tão quente que queima minha pele. Jeane está morta, digo a mim mesma, quando aquela estranha saiu pela porta me senti aliviada e infeliz. Daria tudo para ter minha avó de volta, mas agora é tarde.

Boris

O lugar é asfixiante, as roupas aglomeradas não me deixam respirar. Preciso controlar os nervos. Na escuridão do *closet*, o rosto da mulher morta parece sorrir de novo. Seus olhos abertos e vidrados me observam, posso ouvir ela falando.

— Ele me espancou e me prendeu aqui para morrer sem ar, assim como você está morrendo.

Falo para ela se calar, é assim o tempo inteiro desde aquele fim de tarde que vim checar o vizinho. O primeiro disparo passou raspando na sua cabeça, não tive tempo de tentar o segundo, ele me arremessou pela sala. Como um homem pode fazer isso? Não precisou me levantar, se ele tivesse vindo para brigar eu me garantia. Sou maior e mais pesado, ele não passa de um homem doente, um moribundo! Mas não precisou me segurar, o filho da puta me jogou contra a parede da sala só com o movimento dos olhos.

Perdi a consciência com a força do impacto, quando acordei me vi preso num *closet* na companhia de uma mulher morta há dias. Seu fedor desnorteia meus sentidos.

Desisto de investir contra a porta nas primeiras horas depois que acordo. Elas não se movem e meu corpo está quebrado. As costelas doem como se lanças quentes espetassem os órgãos internos. Respirar dói, tudo é só dor. Fico apenas entrando e saindo de desmaios. A parte de cima da minha cabeça está afundada, deve ter aberto um buraco nas pancadas que ele me deu contra a parede, é uma concussão.

— Preciso sair daqui. — repito em voz alta para não me esquecer de continuar tentando até cair na inconsciência e a mulher morta continua tagarelando.

— Precisamos sair, mas não vamos. Você logo estará morto como eu e vamos apodrecer juntos.

É perturbante o que nossa mente é capaz de criar em situações limites. Em alguns dias quase acreditei que a mulher estava se mexendo de fato. Cheguei a ver sua sombra me cobrir e seu rosto flutuar acima da minha cabeça. Sei que são delírios, a batida na cabeça está me fazendo perder totalmente a razão.

Quanto tempo estou preso nesse *closet*? Os ossos fraturados doem tanto que não consigo me mexer, a perna falha está me matando de dor e a voz da mulher me deixa louco. Ela se repete todo dia.

— Estamos morrendo. Você não vai ver a luz do dia de novo. Ele vai voltar, vai chegar e vai te fazer desistir e morrer.

Não dá para saber quando estou acordado ou dormindo, a realidade me escapa. Tudo não passa de ilusões. O ruído de um tiro me tira da sonolência, mas não sei se é real ou apenas a lembrança do tiro que dei. Volto a cair no sono e não escuto mais nada. Estou quebrado, Deus, mais quebrado do que nunca.

Então, as sirenes cortam o silêncio do quarto, elas parecem gritos nos sonhos. Não sei se elas são reais, estão mais perto até pararem na frente da casa. Ainda não sei se são reais, estou caindo de volta no sono.

Será que estou morrendo?

Uma luz forte entra pela fresta das portas do *closet*, é como a entrada para o céu. Meus olhos não suportam a claridade, eles não abrem. Escuto alguém chamar meu nome. “É o Boris! É o Boris”.

Uma mão passa por meu braço na altura das axilas, outra mão me coloca deitado numa placa fria, é uma maca. Não consigo abrir os olhos. As vozes me chamam, uma delas parece ser a de Erik, meu antigo parceiro na polícia. Continuo de olhos fechados, me sinto preso no *closet* mesmo quando respiro o ar de fora. Por trás de todas vozes dos policiais, a mulher morta me grita em desespero.

— Não me deixe aqui sozinha apodrecendo!

Eu abro os olhos e vejo seus pés desaparecendo dentro do *closet*. Tento sentar, estou preso na maca, eles me suspendem, uma lufada de oxigênio em minhas narinas, é a máscara de oxigênio.

Eles me levam pela escada, não consigo mais fechar os olhos, preferia não ter conseguido abri-los, pois quando atravessam a sala vejo Valentina caída em um ângulo torto numa enorme poça de sangue. Alguns policiais estão ao redor do corpo, mas vejo bem a forma que ela foi esfaqueada como se tivesse encontrado com um urso. Eu quero

saltar, gritar, correr até ela, mas não faço nada, apenas mantenho os olhos abertos sobre o que restou de Valentina.

Quando o choque passa abre caminho para o ódio frio, é ele que vai me manter vivo, é ele que vai me fazer encontrar o homem que arruinou minha vida.

Eva

Depois que Jeane me deixou levei um tempo para me recompor e ligar para a polícia. Passei boas horas tentando me convencer de que nada disso estava acontecendo, mas quando tento ligar para Valentina e ela não responde, sei que Jeane falou a verdade. Ela está morta e fui eu quem a convidou para esse inferno. Nunca vou conseguir me perdoar.

Quando as viaturas chegam é quase fim da tarde, o céu está com um tom laranja feio. O dia está ruim e doentio. Fico no portão para ver o que eles vão encontrar na casa do vizinho. Ainda tenho esperança de que tudo não passou de um mal-entendido. Não quero acreditar.

Eles falam comigo antes de arrombarem o portão. Digo apenas que ouvi o tiro, me sinto péssima por mentir, Jeane pediu para não me envolver. Como posso ser tão covarde? Nunca tinha sentido a dimensão da minha fraqueza de espírito como agora. Como sou medrosa, covarde e impotente, e Valentina morreu por isso. Mal vejo quando as lágrimas começam a me afogar de novo.

Os policiais demoram dentro da casa, de repente uma sirene de ambulância sobe a rua, meu coração dispara. É real, eles encontraram alguém lá dentro, por isso chamaram a ambulância. Tento aproximar da entrada, preciso ver lá dentro, mas um dos policiais me impede de seguir, ele isola a entrada com o cordão amarelo. Olho em volta e noto a chegada dos primeiros vizinhos curiosos. Penso na curiosidade de Jeane que causou tudo isso, tomara que ela esteja bem.

Os paramédicos saem com alguém sobre a maca. Eu corro e atravesso o cordão ignorando os alertas do policial atrás de mim.

— BORIS!- o grito sai mais alto do que planejava. Agarro sua mão, ele está muito ferido e me dirige um olhar confuso e exausto.

Talvez Valentina esteja sendo resgatada lá dentro. Sinto que vou entrar em colapso se não respirar direito. Entro na ambulância com Boris, não solto sua mão, não consigo dizer o quanto me sinto aliviada por vê-lo com olhos abertos. Não paro de pensar em

Valentina, mas antes de fecharem as portas da ambulância noto que policiais empurram uma maca pela porta da frente da casa e sobre ela está um saco preto fechado. Na minha mente grito em desespero o nome de Valentina.

Boris

Depois de uma semana sobre uma cama de hospital, estou de volta em casa. Ainda enfrentarei um bom tempo de fisioterapias. A perna condenada piorou depois que a fraturei no mesmo lugar onde recebi o tiro que me aleijou há anos.

Estou quebrado de novo, mas dessa vez vai ser mais difícil me recuperar. Será que consigo passar por tudo de novo? Não tem outra forma. Não é a perna imobilizada e a aposentadoria por invalidez que me fazem querer morrer. É a lembrança de Valentina jogada no chão daquela sala. Eu estava lá e não pude protegê-la. Ninguém merece morrer daquele jeito. Valentina não merecia.

Imagino o quanto ela lutou antes do fim, era uma lutadora nata, uma das mulheres mais fortes que conheci e foi subjugada daquela forma. Penso no seu desespero, na angústia em não conseguir fugir e se salvar. Penso na sua dor terrível e isso tudo me leva a um pensamento obsessivo: o homem amaldiçoado que fez tudo isso.

Eva está esperando com a sopa na tigela enquanto seguro a colher. Ela vem e me ajuda todos os dias, sei que é a culpa que a motiva. No fundo, também a culpo por ter envolvido Valentina, por ter uma avó maluca, mas não falamos nada sobre nossos fardos. Cada um suporta no seu próprio silêncio amargurado.

O que me mantém vivo é a força do ódio. O que me faz querer melhorar e me fortalecer é a certeza de que vou encontrá-lo.

— Eu vou no quinto do inferno atrás dele. Eu vou arrancar seu coração e fazê-lo comer. — falo em voz alta. Eva me olha e toca meu ombro.

Engulo um pouco da sopa e mostro para ela o porta-retratos ao lado da minha tevê.

— É ele? — Eva pega a foto e observa.

— Ele e a mulher, a que estava morta comigo no *closet*. Encontrei essa foto na internet. Marvin, é o nome dele, um jovem corretor de imóveis. Em uma matéria que achei diziam que ele conseguia vender qualquer tipo de imóvel a qualquer pessoa, chegou

a dar palestras sobre vendas e persuasão de clientes. Esse é o homem que vou procurar, Eva. É a única meta da minha vida.

Ela olha para a foto por um tempo e a coloca de volta ao lado da tevê. Ele está com um belo sorriso abraçado à esposa que também sorri, os dois parecem muito felizes, por trás dos óculos de grau os olhos dele são bondosos quase beiram a meiguice.

— Não se parece com nosso vizinho. Eu não cheguei a vê-lo, mas Jeane me dizia que ele era estranho, nunca prestava atenção nas suas fofocas. Esse rapaz da foto não seria capaz de fazer tudo aquilo, Boris. Não pode se guiar por uma foto, ele deve estar muito diferente. A loucura muda a face das pessoas assim como a raiva muda o fuço de um cão.

— Ele não é louco, Eva. Ele não é humano. Não vou me guiar pelo rapaz da foto, o homem que vi está gravado para sempre na minha mente. Mas preciso olhar para eles dois todos os dias, preciso alimentar minha raiva, preciso fazer justiça por Valentina e pela garota na foto. Eu vou reencontrá-lo leve o tempo que for e dessa vez estarei preparado.

Eva toca minha mão.

— Fará isso por Jeane também. Tenho medo por você, Boris, não quero que nada te aconteça.

— Eva, nada pode me acontecer mais. Tudo já aconteceu.

Ela beija minha testa e me envolve num abraço, ficamos assim por alguns minutos. Seu amor deveria me acalmar e acolher, mas meus olhos estão sobre a foto do retrato. Eu só sinto um vapor ácido na alma. O ódio bombeia meu sangue e ele sempre me pareceu uma das forças mais potentes.

Hyde

A estrada é longa, parece infinita. Não avistamos quase nenhum carro desde que saímos da cidade. Não dormimos, não acordamos e não cansamos, seguimos adiante rumo a nenhum destino. Sina está com os pés descalços sobre o painel. Suas unhas são curvas como garras. Apesar do sol forte ela parece bem, a pele está formando bolhas assim como a minha, mas Sina não quer parar.

— Por que se auto nomeou Hyde, agora?

— Porque é o nome mais apropriado no momento, você não entenderia.

— Não? Ainda não aprendeu que não deve me subestimar? Você é um neófito, Sr. Hyde, não esqueça disso. É apenas filho do seu tempo e seu tempo é decadente.

— Vamos começar com isso de novo? Você não foi apenas uma prostitua miserável vivendo em pleno século XIX? Não vai querer medir decadências, Sina.

Ela não fala nada, seus olhos estão fixos na estrada, sei o que Sina está captando porque também escuto. Pulsações fracas ao longe, talvez seja um carro na pista ou um animal.

— Hyde, me dê o volante. Você está ficando lento, o sol está te deixando fraco.

— Deveríamos parar num hotel, fechar as cortinas e esperar a noite. – quando penso na escuridão de um quarto de janelas fechadas até consigo me animar.

Paro o carro e troco de lugar com Sina. Ela tem razão, me sinto debilitado.

— Não vamos parar enquanto não estivermos em outra cidade. Vamos recomeçar lá.

— E Liza? – a pele de Sina está descamando, o chapéu que ela usa não bloqueia de todo os raios desse sol violento.

— Ah... a Liza, não sei. Ela deve estar por aí. Vamos revê-la em algum momento, enquanto isso vamos tocar o negócio adiante.

— Negócio? Aquela história de empresa de dedetização? Isso era verdade?

— Claro. Você não imagina como é vantajoso esse ramo. As pessoas nos procuram para irmos até suas casas e livrá-las das pragas. Elas nos convidam, entende? E pronto. Dá para nos manter alimentados por um bom tempo, sem violência.

— Você fala como se fosse normal.

— E não é? Todo mundo precisa se alimentar, por que conosco seria diferente?

— Porque matamos pessoas para conseguir isso. Por que não animais? Podemos nos manter criando gado, aves...

— Não diga tanta besteira, Hyde. Você ainda não compreendeu? Você é o que você come. Acha que vai se saciar com animais? Você quem sabe, querido, mas não vou abandonar os meus costumes por causa dos seus princípios retrógrados e antinaturais.

A verdade é que depois que experimentamos o sabor do sangue humano nada mais pode acalmar a sede. Nadine era alcoólatra, às vezes me lembro dela com a pequena fração da mente de Marvin, ela dizia “não se pode dar o primeiro gole”. É assim com o sangue humano, depois que sentimos seu poder na primeira mordida não tem como parar.

Sina está diminuindo a velocidade. Posso ouvir o som das batidas se aproximarem. Há um carro no acostamento, ainda está longe, são duas pessoas. Cada coração segue um ritmo.

Ela me olha e sorri, não lembro quando foi a última vez que nos alimentamos. Foi na casa de Marvin, a mulher grávida e todo caos daquele dia. Sina pisa no acelerador e liga o som. Esse era o carro de Marvin, ele gostava de música e essa que está tocando quer trazer alguma memória para superfície da mente, mas não consigo lembrar. Apenas acompanho a voz do cantor ao cantarolar baixo, *Like a long lonely stream I keep runnin' towards a dream...* O carro dá uma arrancada, estamos cada vez mais próximos, logo estaremos saciados e a saciedade traz uma espécie de paz.

A Autora

Larissa Prado é natural de Goiânia, aficionada por literatura e escritora independente de horror. Suas publicações: Coletâneas: **“Tratado Oculto do Horror”** (2016), **“Miríade- temática livre”** (2017), **“Linha Tênuê – contos sobrenaturais, de terror e suspense”** pela editora Andross. **“Espinhos e Rosas”** (2017) pela editora Illuminare. Ebooks: **“A arte do terror: Memento mori”** (2016), **“A arte do terror volume 2, volume 3 e volume 4”**; **“A arte do terror: Cartas e edificação comemorativa”** (2017) do projeto A Arte do Terror pelo selo independente Elemental Editoração. O livro **“A Sombra vinda das trevas – contos cósmicos”** (2017) pelo selo Elemental Editoração. Coletânea do projeto **“Palavra é Arte: Contos e Crônicas”** (2017). Mais histórias em: recantomacabro.com